

Projeto de Desenvolvimento Comunitário da Vila de Benedita entre 1962 e 1964

Refletindo sobre as modificações económicas, sociais, educativas e culturais

Dissertação de Mestrado

Andreia Bernardino Mendes

Trabalho realizado sob a orientação de

Doutora Maria Antónia Belchior Ferreira Barreto

Doutora Tânia Santos

Mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Educação e
Desenvolvimento Comunitário

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Instituto Politécnico de Leiria

Leiria, Junho de 2013

Agradecimentos

Às Professoras Doutoras Maria Antónia Belchior Barreto e Tânia Santos pela sua dedicação e apoio prestado na orientação deste trabalho, pelo estímulo constante, apoio e pela paciência.

Gostaria também de agradecer a todos os professores deste curso de Mestrado pelos contributos científicos e pelas oportunidades de reflexão.

Ao Professor Júlio Ricardo pela simpatia e por ter proporcionado documentação e outros apoios necessários para a realização deste trabalho e também a todos os entrevistados pela disponibilidade e prestabilidade.

À minha família, pai, mãe e irmã pelo carinho, paciência e compreensão e pelo seu encorajamento constante.

Ao Ricardo pela paciência e apoio imutável.

Resumo

Este relatório insere-se no âmbito de um trabalho final de mestrado em ciências da educação, especialização em educação e desenvolvimento comunitário.

Estudámos um projeto de desenvolvimento comunitário na vila de Benedita, numa perspetiva ampla, não se limitando apenas à análise das ações realizadas, mas também à análise das opiniões daqueles que o vivenciaram.

Partimos de uma conceção abrangente do projeto implementado na vila, que compreende todas as atividades, experiências e ações pessoais em que o grupo responsável pelo projeto se envolve, trazendo benefício direto ou indireto para a Benedita e sua população. Propomo-nos a analisar até que ponto, e de que modo, a Benedita foi beneficiada com a implementação do projeto de desenvolvimento comunitário e de que forma nos proporcionou melhor qualidade de vida e ferramentas para uma evolução positiva para a vila e seus habitantes.

O presente relatório está dividido em cinco partes. A primeira é composta pela revisão da literatura, em que são abordadas as definições de desenvolvimento comunitário, desenvolvimento local e desenvolvimento local sustentável; a segunda comporta a explicação do projeto implementado pelo grupo Equipe de Estudos e Experimentação de Desenvolvimento Comunitário (EEEDC). A terceira parte aborda a metodologia de investigação do estudo efetuado por nós e a análise e discussão dos resultados. Por fim a quinta parte contém as considerações finais e a resposta à questão de partida apresentada inicialmente.

Palavras-chave: desenvolvimento comunitário, comunidade, participação.

Abstract

This report falls within the framework of a final work of master's degree in education, specializing in education and community development.

We have studied a community development project in the village of Benedita, in a broad perspective, not limited only to the analysis of actions taken, but also the analysis of the opinions of those who have experienced.

We started from a comprehensive design project implemented in the village, which comprises all activities, experiences and personal actions that the group responsible for the design engages, bringing direct or indirect benefit for Alicia and its population. We propose to analyze to what extent, and how, the Benedita was benefited with the implementation of the community development project and how we provided better quality of life and tools for a positive development for the village and its inhabitants.

This report is divided into five parts. The first consists of the review of the literature, in which they are dealt with the definitions of community development, local development and sustainable local development; the second involves the explanation of the project implemented by the Team of Group Studies and experimentation of community development (EEEDC). The third part discusses the research methodology of the study carried out by us and the analysis and discussion of the results. Finally the fifth part contains the final considerations and the answer to the question game presented initially.

Keywords: community development, community participation.

Índice Geral

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
Abstract	iii
Índice Geral.....	iv
Anexos.....	vi
Anexo I.....	vi
Anexo II	vi
Anexo III	vi
Anexo IV	vi
Anexo V	vi
Siglas	vii
Introdução	1
1.1. Justificação da temática	1
1.2. Problemática, questões e pergunta de partida.....	2
1.3. Objetivos da investigação	3
Capitulo I - Enquadramento Teórico.....	4
1. O Desenvolvimento na promoção social.....	4
1.1. Conceito.....	4
1.2. Desenvolvimento Comunitário.....	5
1.3. Desenvolvimento Local	11
1.4. Desenvolvimento Local Sustentável.....	14
2. Apresentação do “Projeto piloto de Desenvolvimento Comunitário na vila de Benedita”	18
Capitulo II – Estudo empírico	21
Metodologia	21
1. Problemática	21
2. Desenho da investigação.....	22
3. Amostra	23
4. Técnicas de recolha de dados	23
5. Tratamento e análise dos resultados	24
Capitulo III – Análise e comentário de dados	26

1. Entrevistas realizadas aos participantes no Projeto de desenvolvimento comunitário (entrevistados E1, E2 e E3):	26
1.1. Papel desempenhado.....	26
1.2. Metodologias participativas.....	27
1.3. Objetivos do projeto: Melhoria das condições de vida	27
1.4. Impacto do projeto	28
1.4.1. A nível económico	28
1.4.2. A nível educativo	29
1.4.3. A nível social, cultural e outros.....	29
2. Relação da população atual com o projeto.....	30
2.1. Razões da comemoração e iniciativas futuras	30
2.2. Objetivos do projeto: Melhoria das condições de vida	31
2.3. Impacto do projeto	32
2.3.1. A nível económico	32
2.3.2. A nível educativo	33
2.3.3. A nível social, cultural e outros.....	33
3. Síntese da informação recolhida junto dos entrevistados.....	34
Conclusões	36
Referências bibliográficas	39
Anexos	

Anexos

Anexo I – Guião das entrevistas aos participantes e aos que hoje preparam a comemoração do projeto de desenvolvimento comunitário

Anexo II – Entrevistas A e B

Anexo III – Transcrição das entrevistas aos participantes e no projeto

Anexo IV – Transcrição das entrevistas aos que estão a levar a cabo a comemoração do projeto

Anexo V – Grelha de Categorização das entrevistas A e B

.

.

Siglas

DC – Desenvolvimento Comunitário

DL – Desenvolvimento Local

DLS – Desenvolvimento Local Sustentável

EEEDC – Equipe de Estudos e Experimentação de Desenvolvimento Comunitário

PDCB – Projeto de Desenvolvimento Comunitário da Benedita

EC – Estudo de Caso

Introdução

1.1. Justificação da temática

O presente relatório é elaborado no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Desenvolvimento Comunitário, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria. O estudo proposto tem como tema o projeto de desenvolvimento comunitário implementado na vila de Benedita, na década de 1960.

Inicialmente foi criada uma pergunta de partida com base no tema a abordar no relatório, que mais à frente terá uma resposta com base no estudo de caso realizado pela investigadora do mesmo. Para o estudo de caso relativo a este tema foi criada a seguinte pergunta de partida " Qual a perceção dos beneditenses quanto ao impacto (económico, social, educativo e cultural) do projeto de desenvolvimento comunitário implementado na Benedita no período 1962 - 1964?"

Assim no seguimento desta questão, será efetuada uma investigação qualitativa com recurso ao inquérito por entrevista com o objetivo de recolher testemunhos da época e outros atuais, de forma a alcançar uma perceção das opiniões e dos factos quanto ao passado e presente da vila.

O interesse em realizar um estudo sobre o projeto de desenvolvimento comunitário na vila de Benedita que se realizou entre 1962 e 1964 inscreve-se em fatores de ordem pessoal – sou natural da localidade e tenho particular motivação pela problemática, decorrente da frequência da Licenciatura em Animação Cultural na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria.

Este projeto piloto foi implementado na Benedita a partir do ano de 1962. Um grupo de investigação resolveu trazer à vila um projeto de desenvolvimento comunitário que teve por objetivo unir as pessoas em prol de um bem comum. A equipa teve como principais funções organizar reuniões e mostrar à população beneditense que conseguiam melhor qualidade de vida através da utilização e melhoramento dos recursos existentes. Assim, com o apoio de grupos que se formaram na vila, foi possível criar sociedades empresariais, criar uma escola secundária - à data existia apenas uma a vários quilómetros de distância – permitindo a muitos jovens estudar mais e conseguir melhor vida profissional. Houve uma melhoria de vida da comunidade.

Com a investigação previu-se conhecer a perceção dos atores do projeto, dos que nele participaram e dos que hoje participam na comemoração da implementação do mesmo.

1.2. Problemática, questões e pergunta de partida

O estudo que apresentamos, ao situar-se no âmbito do desenvolvimento comunitário, pretende analisar até que ponto, e de que modo, um projeto de desenvolvimento pode contribuir para a evolução da vila a diversos níveis, ajudando a (re)construir novas formas de pensamento, trabalho, educação e convivência na vila de Benedita.

Com este estudo, pretendemos compreender a perceção dos atores do projeto iniciado em 1962 e de que forma percecionam também o percurso do projeto até aos dias de hoje, tanto ao nível económico, como educativo, social e cultural. Qualquer um destes pontos obtiveram um enorme crescimento a partir da implementação deste projeto gerido pela Dr.^a Manuela Silva.

Abordamos também o percurso da vila não nos limitando à análise das ações de formação por parte dos atores do projeto mas analisando também a perceção do projeto pela comunidade. Analisar a(s) forma(s) como um projeto de desenvolvimento local pode proporcionar claras mutações prende-se ao facto destes projetos consistirem num pleno sucesso para a população que os envolve. Assim, segundo Silva (1992,72), “no processo de reflexão, considerámos que o processo de Desenvolvimento Comunitário da Benedita foi o mais bem sucedido dos que ocorreram ao longo da década de 60 (vilas operárias da cidade do Porto, Alto Minho, Serra da Lousã, Serra de S. Mamede, Serra da Luz, etc), o que nos leva a apontar a Benedita como um caso de sucesso e de referência.”

Neste sentido, tendo em conta a natureza específica deste enfoque a vila de Benedita é hoje exemplo de desenvolvimento local de grande porte. Este sucesso traduz-se no facto da Benedita se ter tornado numa vila em constante evolução e capaz de movimentar a indústria, a educação e as comunidades proporcionando uma melhoria da economia. Foi através desta ênfase económica que a vila se tornou num exemplo vivo de que um projeto de desenvolvimento local bem sucedido pode trazer a uma população parada no tempo e com um fraco desenvolvimento comunitário a possibilidade de crescer significativamente.

Deste modo, a pergunta de partida passa por dar a conhecer e analisar a perceção dos beneditenses quanto ao impacto (económico, social, educativo e cultural) do projeto de desenvolvimento comunitário implementado na Benedita no período 1962 - 1964?

1.3. Objetivos da investigação

Perante as questões orientadoras acima apresentadas será pertinente responder aos seguintes objetivos da investigação:

- Descrever os pontos fulcrais do projeto piloto de desenvolvimento comunitário na vila de Benedita;
- Identificar os benefícios obtidos com a implementação do projeto na vila;
- Compreender a importância do projeto a nível educativo, social e cultural para a população da vila;
- Refletir sobre as perceções dos participantes do projeto no que remete para a estruturação social e económica da vila;

Capítulo I - Enquadramento Teórico

1. O Desenvolvimento na promoção social

1.1. Conceito

Presentemente o conceito de desenvolvimento é abordado como um processo social total e como um conceito multidimensional que, indo além da mera satisfação das necessidades básicas, abrange áreas como o ambiente e o património, a saúde, a segurança, a liberdade ou a participação política. Neste processo, o enfoque do conceito de desenvolvimento deixou progressivamente de ser a satisfação das necessidades das populações para passar a ser a realização das suas capacidades, exigindo o reforço e a valorização das suas competências. O desenvolvimento passa assim a ser designado de empowerment (poder e liberdade de ação, pensamento e decisão) (Amaro, 2001: 201). Este conceito de desenvolvimento tem como fim o próprio indivíduo e como objetivo o seu bem-estar económico, social e cultural, o aumento do acesso a bens e serviços, a sua liberdade de escolha, a vivência democrática e a possibilidade de participar em decisões que implicam o seu destino e o sistema em que se insere.

Desenvolvimento consiste na evolução dos elementos da sociedade e na maneira como esta se relaciona perante as mutações e evoluções. Para Franco (2002) todo o desenvolvimento é considerado desenvolvimento social, visto não haver desenvolvimento sem o decorrer de alterações significativas na vida da sociedade. O desenvolvimento deve ser entendido e considerando segundo alguns aspetos locais, aspetos esses que têm um significado no seu território específico que permitem que esse mesmo desenvolvimento aconteça.

Um desenvolvimento entendido como “(...) integral e endógeno; é integral, visto que é capaz de unir entre si os progressos económicos, sociais, culturais, morais reforçando-os na sua relação mútua. Endógeno, no sentido em que há passagem de si mesmo a um nível superior, em relações de soma positiva com os outros (...)” (Lenoir, 1989, p.50).

Nesta perspetiva de desenvolvimento, o crescimento económico é importante mas não é suficiente para que aquele se implemente. Flammang (1989) defende que o crescimento implica um aumento em termos de quantidade de bens e serviços produzidos na sociedade, pelo contrário, o desenvolvimento implica qualidade assim como alterações estruturais da sociedade. A ideologia de que o desenvolvimento assenta no crescimento económico não considera as transformações sociais e, como tal, não traduz um desenvolvimento global e integrado.

1.2.Desenvolvimento Comunitário

Gusfield (1975) faz uma diferenciação entre duas definições do termo comunidade. Em primeiro lugar, pode significar contorno territorial, ou seja, a comunidade pode ser entendida como uma cidade ou uma região. Para que cada cidadão se insira numa qualquer sociedade/comunidade é necessário que adquira uma consciência de propriedade sobre esse espaço geográfico. Em segundo lugar, existe um carácter relacional, que constitui a chamada rede social. Uma das principais explicações para o desenvolvimento comunitário é a identificação da necessidade do espaço geográfico interligado à rede social inerente a todas as comunidades e regiões.

Sob o ponto de vista do senso comum, o conceito de comunidade implica a existência de um vínculo ou de características comuns que unem um grupo de indivíduos, características essas que, por si só, concorrem para a existência de linhas identitárias que diferenciam esse grupo dos outros.

Para Weber (1972) as mais íntimas relações dentro de uma comunidade são marcadas por diferenças entre as pessoas que dela fazem parte. Embora as comunidades sejam heterogêneas, o sentimento que as caracteriza provoca-lhes uma identidade social comum, uma relação de pertença na comunidade em que se insere. Este processo de construção e/ou descoberta da identidade comum a um grupo está associado à necessidade de ser (re)conhecido pelos outros.

O conceito de “Desenvolvimento Comunitário” abarca um conjunto de experiências, opiniões e construções que tornam complexa a criação de uma definição clara e concisa dos seus princípios e ações.

O desenvolvimento comunitário parte da identificação de problemas e necessidades por parte das populações que atuam na implementação de tarefas e de procedimentos, tendo em vista a realização dos seus objetivos e conseguindo dessa forma melhorar as suas condições de vida. É um processo evolutivo, integral e complexo. Esta visão de desenvolvimento comunitário tem também como base a existência de uma articulação entre o Estado, o mercado e o sector terciário, e reconhece a importância da solidariedade em cada um destes eixos. Como refere García Roca, “só as relações sinérgicas estão em condições de afiançar uma coordenação adequada..., significa incrementar a coordenação entre os diferentes intervenientes e entre as distintas dimensões da necessidade, com a participação de todos os agentes envolvidos” (García Roca, 1995, p.52). Torna-se fundamental o empenho da comunidade na definição dos objetivos comuns a serem atingidos, visto tratar-se de um projeto coletivo. Existem aspetos-chave no processo de desenvolvimento. Este deve centrar-se na procura da imparcialidade, da preservação ambiental e da racionalização da economia. Na base do desenvolvimento comunitário estão três ideias fundamentais: o diagnóstico das necessidades deve realizar-se com a participação das populações; a resposta a essas

necessidades deve começar pela mobilização das capacidades da própria comunidade; os problemas e as soluções devem ser abordados de forma integrada, articulando vários conhecimentos disciplinares e sectores de intervenção (Amaro, 2004). Não se trata de dar a possibilidade às comunidades de participar na projeção, no planeamento e na realização de ações ou de colaborar com os poderes governamentais. Estas ações devem facilitar o processo de transformação da comunidade, para que sejam construídos melhores cenários e previsões para o futuro e haja uma gestão social coerente com o que se pretende atingir.

Torna-se importante ter em conta as características de cada região e/ou localidade, ou seja, os contextos, tanto mais que nos confrontamos habitualmente com uma discriminação negativa entre o que consideramos o Centro e a Periferia. Para Rist (1996) e Milani (2005) não há possibilidade de se poder antecipar o futuro sem se ter em conta a realidade local existente; todo o trabalho resultante do esforço coletivo permitirá a essa realidade local evoluir e desenvolver-se.

Holdcroft definiu, em 1978, o desenvolvimento comunitário como sendo um “processo, método, programa, instituição, e/ou movimento que: a) envolve toda a base da comunidade na solução dos seus próprios problemas, b) promove o ensino e insiste no uso de processos democráticos para a (re)solução de problemas comuns à comunidade, e c) estimula e facilita a transferência de tecnologias para que a comunidade possa solucionar, de forma efetiva, os seus problemas comuns. Unir esforços para resolver, de forma democrática e científica, os problemas comuns da comunidade foi visto como sendo um dos elementos essenciais ao desenvolvimento comunitário” (Holdcroft, 1978, p.10).

O processo de desenvolvimento comunitário iniciou-se em aldeias e/ou localidades com grande possibilidade de evolução mas onde se verificava a falta de um fio condutor dessa evolução nos níveis social, económico e cultural. Ao mesmo tempo, criou-se a tomada de consciência de que a partir de ações de desenvolvimento social, todos os outros campos de atuação para o desenvolvimento estariam também a caminhar positivamente. “O Desenvolvimento Comunitário começa por ser esta opção básica de acentuar a positividade do desenvolvimento – não o reduzindo ao levantamento de carências – e de concebê-lo como processo social, em vez de simples engenharia de planeamento territorial. (...) A estratégia de tipo comunitário encara as pessoas como recursos, como os principais recursos do seu próprio desenvolvimento, e aposta decisivamente na sua capacitação: a majoração dos poderes para agir, isto é, das atitudes, competências e capacidades para intervir socialmente, parece ser-lhe, ao mesmo tempo, o objetivo nuclear e a melhor âncora da dinâmica local de desenvolvimento.” (Silva, 2006, p.104).

Segundo Ander-Egg (1980), citado em Carmo (2007), um grupo de pessoas de uma determinada área geográfica em que os seus elementos estão relacionados de uma ou outra forma,

através das suas funções, objetivos ou outros fatores, com interesses comuns, constituem uma unidade social, e estabelece-se uma intensa relação entre as mesmas. Para Egg (1980), o desenvolvimento comunitário constitui uma técnica social que abrange principalmente a promoção do indivíduo dentro da unidade social, pela mobilização dos recursos humanos, materiais e institucionais necessários, com o objetivo da execução de projetos ao nível das comunidades, no sentido de melhorar o seu nível de vida e as suas estruturas. O objetivo geral é a aceleração do processo de desenvolvimento económico, social e cultural de uma região. Globalmente, deverá fomentar a reintegração das zonas não evoluídas contribuindo para a diminuição das disparidades regionais. Na obtenção destes objetivos, no processo de desenvolvimento comunitário, deve-se procurar a colaboração dos serviços existentes nas localidades, promovendo a sua eficiência.

As teorias atuais em torno do conceito de desenvolvimento comunitário, sempre numa perspectiva de valorização das comunidades locais, estão ligadas às correntes latino-americanas e a autores como Freire (2001) e Franco (1995). O desenvolvimento social e a complexidade dos problemas da sociedade continuam a colocar o debate na importância da comunidade como realidade social, na solidariedade e interajuda entre os cidadãos, na valorização das vivências pessoais (Souza, 1996). O desenvolvimento da comunidade parte da conscientização das necessidades da população, com a ajuda dos técnicos do desenvolvimento comunitário, do envolvimento no processo (daí ser tão importante a adesão das pessoas, da mobilização do esforço e dos recursos locais, tanto materiais como humanos), exigindo a cooperação eficaz entre as populações.

Carmo (2007) enumerou os princípios básicos que se encontram ligados ao conceito de desenvolvimento comunitário, independentemente do período histórico em que este seja observado, ou da ótica em que seja analisado. Basicamente, estes princípios apontam para o facto de que os projetos deverão ser orientados para a satisfação das necessidades sentidas pelas populações e não as necessidades institucionalmente definidas e a comunidade em questão deve assumir um papel ativo na implementação desses projetos, envolvendo sempre parcerias entre os diferentes atores sociais, sejam estes públicos ou privados. O mais importante é a colaboração e a cooperação entre a população envolvida (Carmo, 2007). O desenvolvimento abarca uma mudança e/ou uma evolução sendo sempre um processo dinâmico e inacabado. Integra uma pluralidade de domínios que devem ser trabalhados com pragmatismo e economicidade, quando analisados os seus custos e benefícios (Carmo, 2007).

Segundo Sinaceur (1981), citado em Perrox (1987, p.16) “a qualificação de desenvolvimento tem, pela sua natureza, a preciosa vantagem de determinar, diretamente, em que consiste, com urgência, o aperfeiçoamento real da humanidade (...)”. Perrox (1987) adianta que o

processo de desenvolvimento comunitário deixa de ser um processo entre grupos e entre técnicos para passar a ser entre pessoas que passam a ser consideradas num processo como este, em simultâneo, os sujeitos e agentes da ação.

Segundo Imperatori (2010), a crise económica poderá ser a chave do desenvolvimento comunitário, ou seja, as pessoas passam a unir-se de forma a trabalhar para uma meta comum, substituindo o dinheiro, ou a ausência dele, pela convivência e relação entre os cidadãos.

Para quê o desenvolvimento?” (...) Não estará em causa o próprio modelo de sociedade que, tendo como fulcro o crescimento económico, toma os homens simples «marionettes» de produção e de consumo dependentes de poderes cada vez mais autocráticos e distantes? Mas a crise em vez de descalabro poderá ser o alarme necessário para a invenção progressiva duma outra qualidade de vida em que a convivência seja aprofundada, o que nos une seja mais sublinhado que o que nos separa, em que a criatividade tenha mais importância que uma ortodoxia qualquer (...).” (Imperatori, 2010 p. 121).

O acesso à informação é inevitavelmente um fio condutor para o desenvolvimento económico e social de comunidades. O uso da metodologia de análise de redes sociais vem-se difundindo rapidamente, nos últimos anos, trazendo contributos significativos para a compreensão do papel social no desenvolvimento. “A construção de redes sociais e a consequente aquisição de capital social estão condicionadas por fatores culturais, políticos e sociais. (...) A combinação da metodologia de análise de redes com uma base teórica sólida amplia os espaços de pesquisa, em um espectro que vai das pesquisas sobre o acesso às informações básicas sobre saúde pública em comunidades urbanas ao comércio internacional, passando pela análise do desenvolvimento regional, através do estudo dos arranjos produtivos locais.” (Marteleto, 2010, p.62).

O desenvolvimento é produzido pelas pessoas e não uma criação de crescimento económico, social e cultural das mesmas, assim sendo, é da responsabilidade de cada pessoa apoiar o crescimento a todos os níveis, colocando de parte a ideologia de que esse mesmo desenvolvimento é um simples produtor de evolução e criação económica, social e cultural. É resultado das relações humanas, das escolhas que as pessoas podem fazer para alcançar uma melhor qualidade de vida e para melhor viver em sociedade. Para que se identifique desenvolvimento é necessário que cada cidadão se assuma como ator e responsável pelos processos de evolução para que, adequando o pensamento de cada sujeito social, aconteça o desenvolvimento local.

Segundo Imperatori (2010), o desenvolvimento comunitário fortalece a sociedade civil na sua plenitude, ou seja, concebe aos sujeitos a possibilidade de se tornarem autênticos protagonistas do seu desenvolvimento, facto que atravessa diferentes fases ou níveis. Estas fases são, em primeiro lugar, a consciencialização das suas carências e necessidades, em segundo lugar, a motivação para

procurar as respostas para a sua resolução, em terceiro lugar, a criação de movimentos associativos para levar a cabo as mudanças e as transformações e em quarto lugar, a revelação e comparação dos resultados e/ou consequências para uma divisão adequada da socialização e do poder. Assim sendo, o desenvolvimento económico, social e humano só é consistente quando existe uma preocupação, não só com satisfação das necessidades, mas também com a implementação de um processo de participação que pressupõe o assumir de medidas e ações que envolvem nas populações uma prática relacional e de convivência entre a comunidade. Pensa-se que o desenvolvimento comunitário só é eficazmente aplicável em países “atrasados”, onde está muito por fazer e o espírito e aceitação do povo é mais fácil e moldável. Será que apenas os países atrasados necessitam de projetos de desenvolvimento comunitário? Ou não serão estes projetos importantes independentemente da situação económica e social do país? O desenvolvimento comunitário constitui um modelo de desenvolvimento em que a finalidade é promover a participação e dinamização social a partir de processos de responsabilização dos indivíduos na gestão dos seus recursos, sejam eles humanos, materiais ou financeiros. Assim sendo, é um desafio que pode ser realizado em toda e qualquer comunidade.

A técnica do processo de desenvolvimento comunitário implica várias disciplinas, como a Economia, a Psicologia, a Sociologia e a Antropologia Cultural. Estes conhecimentos são mobilizados transversalmente, de forma a suscitar, orientar e controlar o desenvolvimento.

A partir dos anos 50 do século XX, a Organização das Nações Unidas (ONU) empenhou-se em relacionar e promover o desenvolvimento comunitário como “processo através do qual cada povo participa no planeamento e na realização de programas que se destinam a elevar o padrão das suas vidas. Isso implica a colaboração indispensável entre os governos e o povo para tornar eficazes os esquemas de desenvolvimento viáveis e equilibrados” (Ammann, 1981, p.147). Esta definição demonstra já para esse período a ligação entre duas componentes bastante atuais: a participação das populações no seu próprio desenvolvimento e a articulação entre a sociedade em que cada um se insere e o poder público.

Em 1956, a ONU definiu da seguinte forma o desenvolvimento de comunidade: “(...) processo através do qual os esforços do próprio povo se unem aos das autoridades governamentais, com o fim de melhorar as condições económicas, sociais e culturais das comunidades, de integrar essas comunidades na vida nacional e de capacitá-las a contribuir plenamente para o progresso do país.” (Ammann, 1992 p.32).

O Brasil é um dos países com mais projetos de desenvolvimento comunitário implementados e com mais sucesso nesta área. Neste país, apesar do trabalho com a comunidade ter surgido na década de 40 do século XX, a sua generalização como prática verifica-se apenas na

década de 50, ligada à procura de solução para os problemas sociais e à necessidade de valorização da comunidade como base de desenvolvimento. As problemáticas da educação de adultos e do combate ao subdesenvolvimento do meio rural foram domínios onde se recorreu a estratégias de desenvolvimento comunitário com bastante sucesso (Souza,1996). Apenas no final da década de 50 daquele século, se alargaram as estratégias de desenvolvimento comunitário às questões urbanas brasileiras. Segundo Sousa (1996), a comunidade passa a ser um meio importante para difusão de uma política de modernização de projetos, ações, valores e atitudes da população, com a finalidade de ampliar o mercado de consumo e criar técnicas e métodos para o mercado de trabalho, exposto como paradigma de progresso e participação dos cidadãos. A partir deste período, surgem movimentos que também adotaram o desenvolvimento comunitário numa outra perspectiva, também com enorme importância, criando uma visão crítica da realidade e gerando a participação do povo para realizar mudanças estruturais na sociedade.

Uma outra face do desenvolvimento comunitário é a questão política e governamental, que por vezes se torna complexa quanto a apoios e iniciativas para auxiliar as comunidades. A ideia de desenvolvimento comunitário como programa governamental surgiu no período pós-guerra, fundamentando-se na ideia de que a pobreza tornava os povos recetivos à promoção de novas ações e iniciativas e de que a ajuda aos povos subdesenvolvidos reverteria em benefícios económicos para os Estados Unidos da América. Assim sendo, a pobreza tornava-se sinónimo de cooperação e de união entre as pessoas em prol do crescimento.

Para obtermos uma política de desenvolvimento comunitário estruturada devemos ter em conta o objetivo concreto a atingir com o desenvolvimento comunitário, o tipo de programa a adotar, a entidade responsável pela execução da política de desenvolvimento comunitário, o recrutamento e formação de agentes de desenvolvimento comunitário a vários níveis, o financiamento e, por último, a investigação e avaliação dos projetos. Apenas com todos estes passos será possível a adoção de uma política de desenvolvimento comunitário fiel e benéfica para uma comunidade ou região.

Para a implementação de uma política de desenvolvimento comunitário, será importante partirmos do que existe e, designadamente, ter em conta os serviços de apoio já criados e as experiências em curso suscetíveis de se converterem em projetos de desenvolvimento comunitário ou centros de formação e a preparação de técnicos ou ainda locais de demonstração de determinadas técnicas.

Podemos sempre considerar três tipos de desenvolvimento comunitário. São eles: o integrado, o adaptado e o projeto-piloto. O primeiro tem como função inspirar e estruturar toda a política de um dado local; o segundo nasce e desenvolve-se com o apoio de estruturas

administrativas e políticas já existentes, e por último, o terceiro tipo tem estrutura própria em relação às estruturas existentes, mas é independente delas e realiza-se numa duração limitada de tempo.

Constatamos hoje vários domínios onde poderiam ser implementados projetos de desenvolvimento comunitário, por exemplo, em regiões marcadas pelo despovoamento, com défice quanto à qualificação profissional e instrução em geral, com comunidades rurais empobrecidas, com insuficiente proteção sanitária e onde se faz sentir a falta de equipamentos coletivos (água, luz, esgotos, comunicações, etc.). O despovoamento, por exemplo, acontece porque os indivíduos não encontram localmente empregos e as remunerações são insuficientes para suportar os diversos encargos sociais. Também a emigração é normalmente resultante das condições de trabalho frágeis, associadas a baixas remunerações ou desemprego, ou as deficientes condições de vida.

Principalmente, nos casos de comunidades mais conservadoras, deparamo-nos com problemas na receptividade da própria comunidade, o que cria uma enorme barreira à implementação de uma ação comunitária eficiente. Contudo, a (fraca) receptividade tem vindo a alterar-se, graças nomeadamente ao trabalho desenvolvido pelos técnicos de desenvolvimento comunitário, que têm vindo a trabalhar na inserção das pessoas no seu processo de desenvolvimento da comunidade, mesmo em localidades em que a inovação é complexa e difícil. O desenvolvimento comunitário procura criar nas populações um espírito de receptividade e cooperação que são fundamentais para o sucesso de uma ação de desenvolvimento comunitário.

1.3.Desenvolvimento Local

O desenvolvimento local é um processo endógeno desenvolvido em pequenas unidades territoriais (regiões, cidades, vilas, etc.) para promover o dinamismo económico e a melhoria da qualidade de vida da população. Para que possa ser um processo consistente e sustentável, o desenvolvimento deve promover oportunidades sociais e a viabilidade e competitividade da economia local, aumentando as formas de riqueza, ao mesmo tempo que defende a conservação dos recursos naturais.

O desenvolvimento local está relacionado com o afirmar de uma identidade territorial, ou seja, as ações e/ou projetos realizam-se em localidades que se distinguem entre si. Este desenvolvimento é resultado do esforço de identificar, reconhecer e valorizar os benefícios locais, aproveitando e desenvolvendo as potencialidades de determinado espaço. Resulta de escolhas que

aumentam as possibilidades de alcançar um futuro evolutivo e dinâmico, deste modo, é sempre relevante o planeamento e a gestão dos espaços. O envolvimento e o compromisso dos cidadãos para a construção do seu futuro, enquanto cidadãos locais, dependem a participação nos projetos e atividades que possam de algum modo contribuir para a realização do plano de desenvolvimento existente em cada local. Isto significa que o sucesso das ações/projetos está dependente da atitude empreendedora da população local.

O conceito de desenvolvimento local começou a tornar-se relevante após o reconhecimento do grande fenómeno da globalização, entendida como um processo de ampliação, inclusão e troca entre os mercados. A globalização é resultado dos avanços no que respeita ao desenvolvimento científico, tecnológico e da informação, que proporcionou mudanças de carácter económico, social e cultural. É a partir daqui que o desenvolvimento local ganha ênfase e se torna num fenómeno social importante. É uma consequência da capacidade dos atores e da sociedade locais se organizarem e se movimentarem, com base nas suas potencialidades e na sua matriz cultural, para definirem e explorarem as suas origens e especificidades, promovendo a competitividade.

Atualmente, o desenvolvimento local está relacionado com a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos e com a conservação do meio ambiente, tema cada vez mais relevante quando abordamos o desenvolvimento local. Desenvolvimento local poderia corresponder à satisfação de um conjunto de requisitos de bem-estar e qualidade de vida. Essa ação de promoção da qualidade de vida consegue aproximar-nos do que consideramos ser o desenvolvimento local mas não podemos abandonar outras dimensões, tais como, a especificidade histórica do local e a cidadania, que, por sua vez, não é suscetível de ser medida. Isto serve apenas para afastar a tendência para medir o desenvolvimento ou a cidadania: a noção de desenvolvimento local como âncora na cidadania levará à elaboração de argumentos sobre o desenvolvimento local como paradigma alternativo à fraca cidadania e cooperação dentro de uma sociedade para um bem comum.

As questões de sucesso do desenvolvimento local estão grande parte das vezes associadas a iniciativas inovadoras e modernas para aplicar na localidade, unindo as potencialidades locais às condições oferecidas pelo contexto em que se insere. Segundo Arto Haveri, “as comunidades procuram utilizar as suas características específicas e suas qualidades superiores e especializam-se nos campos em que têm uma vantagem comparativa com relação às outras regiões” (Haveri, 1996 p. 53). Podemos também afirmar que o conceito de desenvolvimento local traduz a possibilidade das populações poderem expressar uma ideia para o futuro, sendo esta uma comunidade aberta à mudança e à evolução, concretizando ações que possam ajudar à (re)construção desse futuro desejado. Os seus objetivos mais evidentes seriam promover a melhoria da qualidade de vida das pessoas, bem como aumentar os seus níveis de autoconfiança e organização.

À medida que o tempo passa, o desenvolvimento local é cada vez mais visto como um conjunto de práticas, ações, procedimentos e metodologias, sendo muitas vezes apresentado como um processo simples, com alguns passos a seguir para atingir determinadas finalidades. De referir, no entanto, que criar desenvolvimento é muito mais do que seguir passos ou receitas: cada comunidade tem as suas especificidades, cada uma delas tem a sua forma de união e criação de trabalho e esforços para um desenvolvimento e evolução comuns. Esta perspetiva redutora do desenvolvimento local que se cinge a uma prática e conseqüente receita vai fazendo esquecer que o desenvolvimento local representa, antes de mais, uma opção política, principalmente devido aos financiamentos e apoios estatais.

Em termos metodológicos, as ações de desenvolvimento local ocorrem geralmente em pequenos territórios, principalmente aldeias e vilas, sendo estas os locais mais beneficiados aquando da implementação de projetos de desenvolvimento comunitário, territórios quase sempre menos desenvolvidos e com mais necessidades de apoio que as cidades. A metodologia a adotar deve ter em conta a comunidade em que se insere, partindo de uma avaliação do local e da sua população.

Outro aspeto relacionado com o desenvolvimento local que importa salientar refere-se ao facto de este implicar a articulação entre diversos atores, sejam eles elementos da sociedade civil, organizações não-governamentais, instituições privadas e políticas e o próprio governo. Cada um dos atores deve contribuir com a sua função na promoção do desenvolvimento local (Buarque, 1999). Assim, o desenvolvimento local pressupõe uma transformação consciente e coerente da realidade local em que ocorre (Milani, 2005). Especificando, em articulação com a sociedade, as esferas de poder, as organizações não-governamentais, as instituições privadas e políticas e o governo devem contribuir, em conciliação com a sociedade, para o desenvolvimento local.

Para Imperatori (2010), a “Benedita é uma experiência de desenvolvimento local participado”. Esta expõe a experiência de 1962 com o surgimento de uma equipa de estudos e experimentação de desenvolvimento comunitário, constituída por técnicos de diferentes especialidades. Para Imperatori (2010), de todo o trabalho desta Equipa, circundamos apenas uma curta síntese da intervenção na freguesia da Benedita, na altura com aproximadamente 6 mil habitantes dispersos por várias localidades, comunicações rodoviárias muito deficientes, saneamento básico inexistente, agricultura pobre, indústria diversificada mas artesanal, problemas de saúde e de educação e com uma população com um certo grau de abertura ao desenvolvimento.

Por fim, devemos ter em consideração o desenvolvimento local e a descentralização que são processos diferentes, embora quase sempre interligados e complementares um do outro: a descentralização deve ser um apoio de grande importância para o desenvolvimento local, visto que quando existe a descentralização de serviços, projetos, infraestruturas ou outros, estes tornam-se

inevitavelmente um elo de ligação entre o desenvolvimento e a população e esta ligação surge com o auxílio dessa mesma descentralização. No entanto, a descentralização pode contribuir significativamente para o desenvolvimento local, como consequência de iniciativas das populações locais, de forma a levar a todos projetos e ações, mesmo estando fora das grandes camadas populacionais.

De referir também que o desenvolvimento local, por si só, não resolve o problema do desemprego crescente, embora possa de facto contribuir para a criação e conservação de alguns empregos. De igual modo, o desenvolvimento local, por si só, não consegue limitar ou estagnar o envelhecimento das populações e a migração dos jovens. Com efeito, estes processos são consequências de todo um descontrolo político e social em que estamos envolvidos presentemente. Ainda assim, acreditamos que o desenvolvimento local é um ponto fulcral para um crescimento e melhoria da qualidade de vida das populações a vários níveis.

1.4.Desenvolvimento Local Sustentável

Sustentabilidade é um termo usado para definir ações e atividades que tendem a completar as necessidades dos seres humanos. Ou seja, a sustentabilidade está diretamente relacionada com a economia e com a indústria, que deve ser implementada sem causar malefícios ao meio ambiente. A adoção de ações e atividades de sustentabilidade compensam, a longo prazo, uma comunidade com condições favoráveis a um desenvolvimento rico em qualidade de vida e bem-estar.

O conceito de Desenvolvimento Local Sustentável surgiu como um novo paradigma de desenvolvimento que começou a amadurecer a partir da década de 70 do século XX. A partir desta década aponta-se para uma revisão do modelo económico vigente, defendendo a descentralização e o estímulo à participação dos atores sociais na definição dos caminhos económicos e sociais do território ao qual pertencem. Considera que deve haver a mobilização de recursos presentes em cada região, dando ênfase ao esforço da população e à capacidade de com os recursos disponíveis se conseguirão melhores resultados. Este conceito leva a uma mudança gradual das mentalidades, à descentralização do poder e à gestão de projetos tendo como objetivos a união e o interesse das pessoas. A noção de desenvolvimento sustentável está ligada ao aproveitamento sustentável dos recursos e serviços existentes numa determinada comunidade, de forma a contribuir para uma melhoria da qualidade de vida. Assim, esta questão da sustentabilidade está relacionada com os conceitos de qualidade de vida e bem-estar, com as gerações do futuro e com as questões ambientais (Camargo, 2003). Um projeto de desenvolvimento local sustentável é uma forma de

mudança sustentável, tendo em vista um crescimento e melhoramento local, proporcionando a instalação de processos de reestruturação econômica, educacional, social e cultural. Tem por base formas organizacionais bastante diferentes das políticas de desenvolvimento tradicionais.

Contudo, são inúmeros os fatores que condicionam um futuro sustentável: o excesso de produção, o aumento da poluição e o consumo descontrolado. Atualmente, é comum a utilização excessiva dos recursos naturais, humanos, financeiros e de infraestruturas, assumindo-se regularmente a perspectiva de curto prazo de obtenção de lucro como única e possível forma de uma sociedade progredir. Daí que na opinião de Azevedo, Magalhães e Pereira (2010, p.51) “as metas de sustentabilidade definidas à escala global, regional ou mesmo local são encaradas com uma dose apreciável de ceticismo, uma vez que em grande parte dos casos os meios necessários para que a mudança preconizada ocorra não são disponibilizados”. No entanto, segundo estes autores, “assiste-se, simultaneamente, à construção de uma nova consciência, consubstanciada em novas atitudes e comportamentos que indicam, no cidadão em geral, a esperança, paciência e pro-atividade para que o caminho se faça continuando”(ibid.).

Para Franco (2001), apenas é sustentável o que podemos articular em rede, ou seja, com interdependência, com diversidade e com flexibilidade. É urgente uma profunda mudança do pensamento para que cada um adquira e/ou desenvolva a capacidade de reconhecer a responsabilidade que tem na aplicação das estratégias para o desenvolvimento do território local, no seu nível de sustentabilidade e na capacidade de progresso da comunidade a que pertence.

A solução para garantir um desenvolvimento sustentável é “encarar a defesa da vida na Terra como razão de ser da própria vida (...) e assegurar a viabilidade de cada um dos sistemas que compõe o ecossistema humano” (Azevedo, Magalhães e Pereira, 2010, p. 45). De acordo com Gómez, Freitas e Callejas (2007), a Organização das Nações Unidas descreve o desenvolvimento sustentável de uma forma clara e concisa: “o desenvolvimento sustentável está nas mãos da humanidade – que satisfaça as necessidades da presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações satisfazerem as suas” (Gómez, Freitas e Callejas, 2007, p.87).

A ideia de sustentabilidade tem aparecido como parte integrante dos projetos de desenvolvimento local. A sustentabilidade do desenvolvimento obriga à descoberta das potencialidades locais para fazer face às discrepâncias econômicas existentes. Assim, para que o desenvolvimento seja tido como sustentável, deve cumprir três princípios básicos: a conservação do meio ambiente, a justiça social e o crescimento econômico (Buarque, 2009). É fundamental criar condições favoráveis às negociações políticas e à mobilização da sociedade, criando os desafios da cooperação, da entreatajuda e da evolução e apoiando a criatividade dos agentes promotores de desenvolvimento. Podemos considerar três principais vertentes no âmbito da sustentabilidade local:

vertente biocêntrica, vertente económica e vertente social. Em primeiro lugar, a vertente biocêntrica, consiste na procura de equilíbrio ecológico dos ecossistemas. A vertente económica consiste em avaliações do capital natural e do uso de recursos naturais. A vertente social procura a construção de formas simples de sustentabilidade e qualidade ambiental que combinem aspetos do ecossistema natural com aspetos do sistema económico e da qualidade de vida humana e, em alguns casos, são também tidos em consideração aspetos políticos e culturais.

Tomando como referências empíricas as experiências de desenvolvimento local concebidas em várias localidades, apesar das diferenças nessas experiências pois cada localidade é composta pelas suas características específicas, podemos apresentar os seguintes aspetos comuns: inicialmente, contextualizam-se e analisam-se os limites teóricos do local; em seguida, apresentam-se os pontos básicos que caracterizam a localidade; por fim, analisam-se os pontos fortes e fracos, tendo em conta as possibilidades de iniciar ou continuar trabalho rumo a um desenvolvimento local sustentável. Trata-se, principalmente, de um trabalho coletivo de toda uma comunidade.

O debate acerca do desenvolvimento sustentável ganhou formas globais com a Conferência das Nações Unidas, que decorreu em 1992, no Rio de Janeiro. O debate sobre o meio ambiente e o desenvolvimento é resultado da discussão em torno do desenvolvimento sustentável, tendo chegado a todo o mundo (Viola, 1996).

Este processo tem como princípio a partilha de recursos e de benefícios sociais e económicos, políticos ou ambientais, tornando necessária a articulação de parcerias entre instituições públicas e privadas, organizações não-governamentais e organizações governamentais, entidades comerciais e religiosas. Este deve ser um processo permanente de produção e evolução dos conhecimentos da sociedade local, sendo capaz de assegurar e promover as iniciativas e atividades locais, fortalecendo os atores sociais e suas organizações com vistas à sustentabilidade.

Assim sendo, viver de forma sustentável, significará certamente uma grande mudança nas atitudes dos seres humanos. Como refere o relatório “Cuidar do planeta terra” (1991) elaborado com o apoio das Nações Unidas, é necessário aceitar as consequências de fazer parte de uma comunidade e tornar ampla a consciência dos efeitos nas decisões acerca de outras sociedades e futuras gerações.

Um marco importante passa a ser, em 1990, o relatório mundial do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Este relatório indica-nos que o índice de desenvolvimento humano (IDH) é uma medida comparativa usada para classificar os países pelo seu grau de desenvolvimento humano e tem tendência para simplificar o Produto Nacional Bruto (PNB), que se designa pela medida em termos monetários dos bens e serviços produzidos pelos

fatores de produção nacionais, independentemente do território económico. De facto o IDH mostra de forma mais clarificada o estado de desenvolvimento de cada país. (Milani, 2005).

Na Carta de Leipzig, 2007 as estratégias das cidades europeias sustentáveis e as políticas de desenvolvimento nacional, regional e local devem ser tidas em consideração em qualquer projeto de desenvolvimento local, tendo em conta todos os aspetos relacionados com a saúde, cultura e educação.

2. Apresentação do “Projeto piloto de Desenvolvimento Comunitário na vila de Benedita”

A Benedita, sede de Freguesia, é constituída por uma área de cerca de 30km quadrados e fica situada no Concelho de Alcobaça e Distrito de Leiria. A sua área está composta por mais três dezenas de lugares, alguns dos quais evidenciando características próprias, não só geográficas, mas também populacionais. Até à segunda metade do séc. XII, todo este espaço físico era semeado de uma enorme vegetação densa, intercalada entre a Serra dos Candeeiros e o Oceano Atlântico. Posteriormente foram surgindo, de forma organizada, algumas povoações, sabendo-se hoje que foi implantada na Benedita a primeira paróquia fundada pelos Coutos de Alcobaça. No início do séc. XX, verifica-se a origem de um grande surto de desenvolvimento que se mantém até aos dias de hoje: a indústria. Todo este processo teve o seu arranque com o artesanato manufatureiro do calçado e das cutelarias.

Esta é uma freguesia rural, onde ainda hoje muitas pessoas vivem da agricultura e da suinicultura, contudo existem também grandes indústrias de calçado e cutelaria. A Benedita é considerada uma vila de forte crescimento, com indústria, comércio, postos de saúde, escolas e espaços culturais próprios. Contudo o modo, a luta pela evolução e melhoramento das condições dos seus habitantes prevalece.

Em 1962 apareceu a Equipa de Estudos e Experimentação de Desenvolvimento Comunitário (EEEDC), constituída por técnicos de diferentes especialidades. A partir de diligências pessoais realizadas pela Dr.^a Manuela Silva (a grande responsável pelo projeto).

Todo este crescimento e desenvolvimento da Bendita deve-se em grande parte ao grupo EEEDC que conduziu na vila um projeto piloto de desenvolvimento comunitário. No início do século XX, a Benedita vivenciou um processo de desenvolvimento comunitário que, presentemente, 50 anos depois ainda define um protótipo identitário e valores agregados a uma capacidade empreendedora, quer a nível das empresas, quer em termos de sociabilização da comunidade. Parece-nos possível a associação entre os valores enquanto cidadãos e a realidade socioeconómica ao processo desenvolvido na vila de Benedita nos idos anos 60. O envolvimento populacional nos vários sectores, proporcionou a oportunidade de utilizar recursos existentes como forma de evolução tanto na indústria como em termos de cidadania.

Observando a realidade económica e cultural daquele século, tanto no que respeita à escolarização, como infraestruturas, agricultura, etc. acredita-se que o projeto vivenciado na freguesia da Benedita, quer pelas metodologias e estratégias promovidas, quer pelo envolvimento e participação de grande parte da população gerou um movimento de mudança e inovação.

O Desenvolvimento Comunitário (DC) aparece, na altura, como o método adequado para resolver os problemas do desenvolvimento no País e mais particularmente na vila: partindo da situação concreta das comunidades locais e empenhando as populações para participarem no seu próprio desenvolvimento, assim se foi despertando a iniciativa da população e o aproveitamento dos recursos locais.

Não pondo em questão o modelo de desenvolvimento mas sobretudo a repartição dos seus benefícios e a participação da população no mesmo desenvolvimento, o Desenvolvimento Comunitário (DC) aparece na vila de Benedita, na altura, como o método adequado para resolver os problemas do desenvolvimento económico e social. Este teve como finalidade o despertar das iniciativas e possibilitar o aproveitamento dos recursos potenciais.

De facto, a equipa teve um trabalho de destaque. A freguesia da Benedita, na altura, tinha transportes muito fracos, saneamento básico inexistente, agricultura pobre, indústria totalmente artesanal e principalmente problemas elevados ao nível da saúde e da educação. Apesar da análise negativa, a equipa encontrou uma população rica em união e com um enorme grau de abertura ao desenvolvimento.

Para este projeto estiveram envolvidas diversas entidades, todas elas com diferenciados papéis, mas também todas elas com elevada importância para o sucesso do mesmo. Assim, as entidades envolvidas foram as seguintes: Ministério da Agricultura – Junta de Colonização Interna, Direção Geral dos Serviços Agrícolas, Estação de Melhoramento de Plantas de Elvas, Estação de Vitivinicultura de Dois Portos, CUF, Instituto Superior de Agronomia, Laboratório de Nutrição, Laboratório de Nutrição Animal da Tapada da Ajuda Serviços Fito-patológicos, Municipal de Alcobça, Direção Geral de Saúde, Instituto de Assistência à Família - Instituto Maternal, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Fundação Gulbenkian, Centro de Estudos de Economia Aplicada AIP, Shell Portuguesa, Federação das Caixas de Previdência, Institutos de Serviço Social de Lisboa, Porto e Coimbra.

Foi criada uma estruturação metodológica para a concretização do projeto separada em seis momentos: Preparação, criação de um estudo detalhado das condições económicas e sociais da freguesia; Informação e dinamização das ações a desenvolver, isto através de contactos com a administração local e em seguida através de reuniões com as populações para informá-las claramente acerca do trabalho a desenvolver e das metas a atingir; Organização local, ou seja, a criação de grupos locais responsáveis por cada setor (infraestruturas, agricultura, indústria e saúde); Apoio a projetos que correspondiam às necessidades e aspirações da população; Elaboração, juntamente com a população, de um plano de desenvolvimento e a Colocação de estagiários de serviço social na zona, assegurando a dinamização e organização da população. A intervenção teve

uma duração definida de três anos passando, a partir dessa altura, a população a assegurar a continuidade do processo e de todo o seu progresso.

É de notar a responsabilidade que todos assumiram para a criação de uma vontade coletiva de mudança, o papel dos técnicos como mediadores entre a população e os organismos estatais, a formação para o desenvolvimento e o envolvimento da comunidade no planeamento e na avaliação do projeto. Como técnicos envolvidos podemos destacar os seguintes: Manuela Silva, Maria Justina Imperatori, Fernando Moreira Maia, João de Deus Cordovil, Eng. Pessanha Viegas, Dr.^a Rosália Ferreira, Assistente Social Maria Helena Brasão Santos Ferreira, Miguel Caetano, Isabel Roque de Oliveira, Eng. Magro dos Reis, Maria Fernanda Forte de Lemos Rebelo, Maria de Lurdes Gomes e Lemos, Maria Gabriela Figueiredo Ferreira, Eng. Alberto Cidrais, Eng. Raul dos Santos, Prof. Rebelo Abranches, Prof. Joaquim Pais Azevedo, Dr. José Vazão de Almeida, Maria Júlia Vieira.

Consequentemente foram obtidos resultados, dos quais destacamos alguns deles. Verificamos que os resultados dos três anos de implementação do projeto estão divididos em dois aspetos fundamentais: as realizações a nível material, ou seja, infraestruturas conseguidas e evolução das mentalidades da população da Benedita.

Quanto à primeira, podemos destacar a agricultura e a pecuária (plantação de pomares, construção de explorações de animais e a criação da cooperativa agrícola); na indústria destacamos a fundição de pequenos “ateliers” de sapateiros em fábricas modernas, e posteriormente também a difusão de uma fábrica de cutelaria. A educação foi de facto a grande preocupação de toda a intervenção do grupo EEEDC, daí a conquista do Externato Cooperativo da Benedita, a escola que toda a população desejava.

Relativamente ao segundo aspeto passou, desde então, a verificar-se uma grande curiosidade intelectual sobre os diversos assuntos a nível político, económico e social, as pessoas mudaram a sua forma de se relacionar, de estar, de vestir, a estética tornou-se importante para as suas relações e emprego. Cada um passou a dar mais de si à comunidade e criaram iniciativas de apoio a toda e qualquer atividade ou necessidade da vila.

A vila de Benedita enfrenta assim o caminho para um crescente desenvolvimento agora a cargo da população. Este projeto implementado não teve um término. Depois da saída dos técnicos ficou a cargo da população e dos grupos líderes criados para a continuação desse mesmo desenvolvimento. Existe sempre algo para melhorar, para criar, para inovar. O grupo entregou as técnicas e mostrou como fazer, após isso cabe à comunidade da Benedita dar continuidade.

Capítulo II – Estudo empírico

Metodologia

1. Problemática

O estudo que apresentamos, ao situar-se no âmbito do desenvolvimento comunitário, como referimos na introdução deste relatório, pretende analisar até que ponto, e de que modo, um projeto de desenvolvimento numa comunidade pode contribuir para o seu sucesso e evolução a diversos níveis, ajudando a construir e (re)construir novas formas de pensamento, trabalho, educação e convivência na vila de Benedita.

Foi nosso objetivo analisar as percepções sobre um projeto de desenvolvimento local de sucesso para a população onde se realizou. Segundo Manuela Silva (1992), “no processo de reflexão, considerámos que o processo de Desenvolvimento Comunitário da Benedita foi o mais bem sucedido dos que ocorreram ao longo da década de 60 (vilas operárias da cidade do Porto, Alto Minho, Serra da Lousã, Serra de S. Mamede, Serra da Luz, etc.), o que nos leva a apontar a Benedita como um caso de sucesso e de referência.”. Graças a este sucesso a Benedita tornou-se uma vila em constante evolução e capaz de movimentar a indústria, a educação e as comunidades proporcionando à vila uma crescente e acentuada movimentação económica. É através desta ênfase económica que a vila se tornou num exemplo vivo do que um projeto de desenvolvimento local, bem sucedido, pode trazer a uma população fechada e com graves atrasos no seu desenvolvimento. Com este estudo pretendemos compreender a percepção dos atores do projeto iniciado em 1962 e de que forma percebem também o seu percurso até aos dias de hoje, tanto ao nível da indústria, como da educação, socialização e saúde. Assim, a nossa investigação será fundamentada com apoio nas seguintes questões orientadoras:

- O tipo de população existente na Benedita em 1960 seria capaz de se unir pelo desenvolvimento da vila?
- O projeto de desenvolvimento comunitário implementado terá promovido a evolução, o empreendedorismo e a força para melhorar?
- Que importância teve o projeto para a população da vila?

Considerámos os seguintes objetivos de investigação:

- Descrever os pontos fulcrais do projeto piloto de desenvolvimento comunitário na vila de Benedita;
- Identificar os benefícios obtidos com a implementação do projeto na vila;
- Compreender a importância do projeto a nível educativo, social e cultural para a população da vila;
- Refletir sobre as perceções dos participantes do projeto no que remete para a estruturação social e económica da vila;

2. Desenho da investigação

Optámos por um estudo exploratório de carácter descritivo, na medida em que o que se pretende é descrever uma realidade para a tornar *inteligível*, mais concretamente “numa lógica exploratória, como meio de descoberta e de construção de um esquema teórico de inteligibilidade” (Albarello *et al*, 1977:117). A chamada investigação descritiva, como o próprio nome indica, tem por objetivo descrever um determinado fenómeno (Bisquerra, 1989; Fox 1987). Compreende a descrição, registo, análise e interpretação das condições existentes no momento” (Best, 1981:31). A recolha de dados para uma investigação deve ser efetuada de acordo com a pergunta de partida selecionada. Assim, perante esta é selecionado o método de investigação, o Estudo de Caso.

Para Ponte, EC “É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspetos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse.” (Ponte, 2006:2).

O estudo de caso abarca objetivos e características que fazem do nosso estudo o desígnio de “estudo de caso”. Para que seja enquadrado como tal, o estudo de caso deve, para Yin (1994) ter o objetivo de explorar, descrever ou explicar um facto, evento ou acontecimento.

3. Amostra

Para a nossa investigação foi efetuada uma seleção de pessoas situadas em dois polos na linha do tempo na história da vila. Para isto, foram selecionadas três pessoas nascidas antes da década de sessenta, que de alguma forma estiveram ligadas ao projeto de desenvolvimento comunitário da Benedita e outras três que presentemente colaboram na comemoração e destaque deste projeto passado.

A escolha dos entrevistados foi efetuada com o parecer da orientadora de relatório, com o apoio de outras pessoas que nos auxiliaram na recolha de informação.

O primeiro grupo são pessoas maiores de setenta e cinco anos, maioritariamente naturais da Benedita, e na altura jovens ambiciosos e com grande interesse pelo desenvolvimento local e pela educação na vila. O segundo grupo são pessoas entre os cinquenta e os setenta anos, também naturais da vila. Fazem parte de um extenso grupo de pessoas que se organizaram para dar ênfase ao projeto, comemorá-lo e recordá-lo, despertando na população o espírito de união e entreajuda.

4. Técnicas de recolha de dados

Para o nosso estudo, optámos pelo inquérito por entrevista a fim de obtermos a opinião de pessoas que de algum modo estiveram ou estão ligadas ao desenvolvimento comunitário da vila de Benedita.

O Inquérito por entrevista permite o aprofundamento da perceção do sentido que as pessoas atribuem às suas ações, de certo modo obriga a uma explicação e um claro alongamento daquilo que se está a afirmar, explicitando e clarificando pontos fulcrais da resposta de modo a que o raciocínio não se perca. Além disso, torna-se flexível porque o contato direto permite explicitação e esmiuçamento das perguntas e das respostas.

O inquérito por entrevista é um método bastante importante e eficiente principalmente devido à questão da interação. “A entrevista é um método de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas selecionadas cuidadosamente, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspetiva dos objetivos da recolha de informações (Ketele, 1999: 18).

Freitas (1997, p.31) clarifica que “entrevistar alguém não deve, no entanto, consistir num mero jogo de perguntas e respostas”. É relevante dar a devida liberdade de expressão aos entrevistados para que seja possível proporcionarem-nos toda as informações sobre o assunto em questão.

Para a realização do nosso estudo surgiram alguns entraves, pois em primeiro lugar, partes dos testemunhos vivos do projeto têm já idades avançadas daí uma grande dificuldade em marcar encontro com os mesmos. Em segundo lugar, alguns dos entrevistados residem a longos quilómetros, então houve necessidade de adaptação da vida pessoal e profissional de entrevistador e entrevistados para que a entrevista fosse possível.

5. Tratamento e análise dos resultados

Para a análise dos resultados foi efetuada uma transcrição literal e pormenorizada das respostas dadas pelos entrevistados. Assim, o conteúdo das entrevistas foi o objeto de análise, de forma a testarmos as hipóteses colocadas em estudo.

Para a interpretação mais clara das entrevistas realizámos um quadro no qual esquematizámos todos os pontos de análise pertinentes, ao qual chamámos de matriz de análise de conteúdo.

A matriz de análise de conteúdos diz respeito a duas diferentes entrevistas (A e B) e ambas apresentam a categoria “Projeto de Desenvolvimento Comunitário” e “Impacto do projeto”, diferem apenas na última categoria “Impacto do projeto” (A) e “Potencialidades” (B) que se ramificam em algumas subcategorias diferentes nas entrevistas A e B.

Segundo Carmo e Malheiro (2008) a seleção das categorias deverá ser exaustiva, exclusiva, no sentido que, o conteúdo deve classificar e definir claramente, a codificação das diferentes categorias, selecionadas pelo investigador e por fim, as categorias devem ser sucintas e, pertinentes com os objetivos estipulados, para melhor compreensão do estudo.

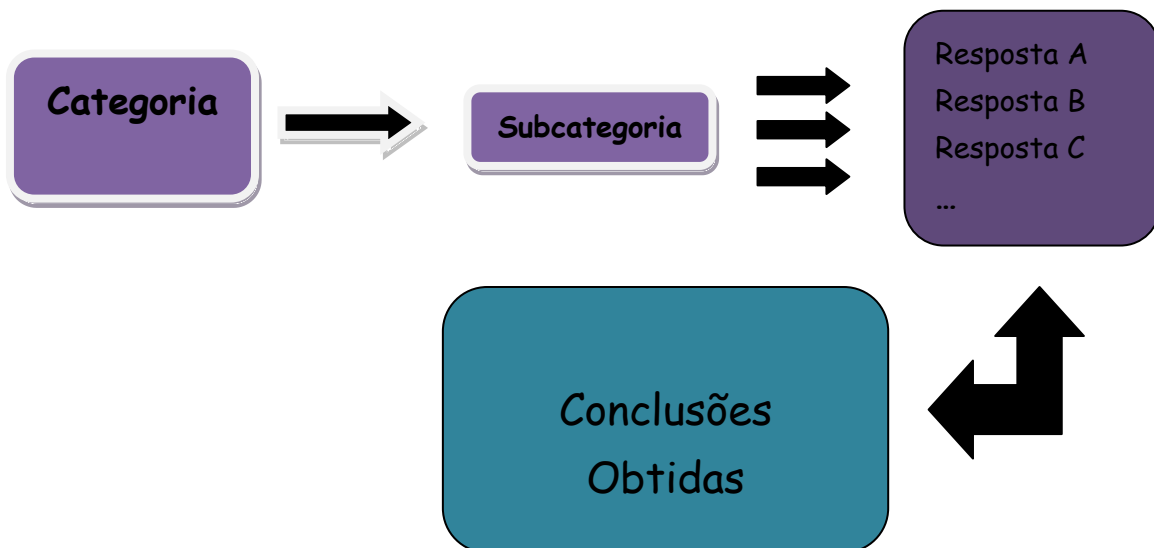
<i>Categoria</i>	<i>Subcategoria</i>
Projeto de Desenvolvimento Comunitário na Benedita	Pessoas/entidades envolvidas e papel desempenhado
	Objetivos do projeto
	Metodologia de implementação
	Ambiente vivido na Benedita em 1962
	Recursos e Constrangimentos

Impacto do projeto	A nível económico
	A nível educativo
	A nível social e cultural
	Outros Impactos
Relação da população atual com o Projeto	Razões da comemoração
	Iniciativas futuras

Quadro 1: Matriz de análise de conteúdos

Esta análise será qualitativa e tem por objetivo efetuar a ligação entre os dados recolhidos e toda a fundamentação teórica elaborada ao longo da dissertação. Assim poderemos comprovar os objetivos a que nos propusemos na realização deste estudo. Para Carvalho (2009) a apresentação e análise dos resultados deve ser “precisa, sucinta e transparente, devendo conter uma versão condensada dos dados obtidos (...)”, assim proporcionamos uma leitura clara e concisa.

Para a análise dos dados optámos por uma linha esquemática, ou seja, partindo de cada categoria e subcategoria, analisámos cada uma das respostas dadas pelos entrevistados e daí retirámos uma conclusão generalista. Através de cada categoria obtivemos uma resposta complexa a cada uma das questões, esta resposta complexa foi composta através da ligação efetuadas entre cada uma das respostas obtidas. Esta análise dividir-se-á na análise da entrevista A e análise da entrevista B.



Capítulo III – Análise e comentário de dados

1. Entrevistas realizadas aos participantes no Projeto de desenvolvimento comunitário (entrevistados E1, E2 e E3):

1.1. Papel desempenhado

Segundo os entrevistados participantes no projeto entre 1962, a equipa de intervenção não realizou um trabalho pré definido, uma vez que não chegou à vila com o intuito de modificar pensamentos nem costumes, mas ajudar a que as pessoas alargassem os horizontes de forma a seguirem uma linha evolutiva sustentável e crescessem a vários níveis. Todas as reuniões, encontros e conferências realizadas pelo grupo que constituía a Equipa de Experimentação em Educação e Desenvolvimento Comunitário (EEEDC) tinham como principal objetivo identificar as necessidades e desejos das pessoas da Benedita e posteriormente a equipa ajudava a comunidade a construir e a seguir uma linha condutora até à satisfação dessas necessidades. O grupo criou também um clima de confiança no seio da própria comunidade, tal como manifesta o entrevistado E2 - “O que fizeram foi, principalmente, unir o pessoal (...)”.

Segundo os entrevistados, para os beneditenses, o projeto foi o seu despertar enquanto comunidade, tendo evidenciado a forma de exprimirem necessidades e concretizarem objetivos. O projeto permitiu criar um elo de união entre as pessoas, o que as levou a pensar e a agir coletivamente. Os atores do desenvolvimento na Benedita foram os próprios cidadãos beneditenses.

O desempenho dos papéis acima mencionados enquadra-se na linha conceptual do desenvolvimento comunitário: cabe à comunidade a identificação das suas necessidades, a definição das prioridades e dos procedimentos para as satisfazer (Silva 1989). Para Perrox (1987), o processo de desenvolvimento comunitário deixa de ser um processo entre grupos e técnicos especializados para passar a ser entre pessoas que passam a ser consideradas, em simultâneo, agentes da ação e sujeitos objeto dessa ação, ou seja, os sujeitos são atores do projeto e são os visados por esse projeto. Milani (2005) considera que o desenvolvimento local pressupõe uma transformação consciente e coerente da realidade local em que ocorre. É de realçar a capacidade que cada localidade deve ter para a transformação a que está sujeita, daí o mesmo projeto poder ser um sucesso num determinado local e um fracasso num outro. Tudo está dependente da aceitação e do tipo de população existente.

1.2. Metodologias participativas

Segundo o grupo EEEDC, foram encontrados objetivos comuns que correspondiam às necessidades da população. Também as atividades realizadas foram pensadas e implementadas coletivamente. Para além disso, as metodologias implementadas para este projeto de desenvolvimento comunitário foram determinantes no sucesso conquistado. O grupo liderado por Manuela Silva teve um papel dinamizador, mas não se substituiu à população. Para Imperatori (2010), a “Benedita é uma experiência de desenvolvimento local participado” porque se assistiu à criação de uma rede de pessoas que conseguiram identificar necessidades comuns e trabalharam para encontrar soluções. Em termos metodológicos, o grupo identificou procedimentos em que a população trabalhou e por isso se envolveu no projeto, tentando sobrepor os interesses de todos aos interesses individuais. Houve um estudo aprofundado de diagnóstico das características da vila, dos seus pontos fracos e fortes, e com base nesse diagnóstico foram definidas estratégias e hipóteses de desenvolvimento.

Segundo o entrevistado E3, existe ainda hoje a consciência de que se deve ao projeto de 1962 o sucesso a nível económico, educacional e cultural que a vila vivenciou nos anos seguintes. O aumento da oferta de emprego foi um reflexo do desenvolvimento económico da Benedita e da melhor qualidade de vida da população. O desenvolvimento abarca uma mudança e/ou uma evolução sendo sempre este um processo dinâmico e inacabado, com a participação de todos (Carmo, 2007). Perrox (1987) acredita que um processo de desenvolvimento comunitário deixa de ser um processo entre grupos e entre técnicos para passar a ser um processo entre as pessoas que passam a ser consideradas, em simultâneo, os sujeitos e agentes da ação.

1.3. Objetivos do projeto: Melhoria das condições de vida

Segunda a opinião do entrevistado E1, nos anos 60 do século passado, a Benedita vivia uma época bastante complexa: para além da estagnação social, também a economia e a educação atravessavam uma fase de paralisação. As pessoas viviam essencialmente da agricultura, cutelaria e calçado, organizadas em pequenas oficinas, muitas delas com trabalhadores individuais. Apenas os jovens de famílias com possibilidades económicas podiam seguir os estudos de nível secundário, uma vez que tal implicava deslocação para fora da localidade. Os beneditenses viviam numa economia de subsistência, em que se comprava o essencial, sem possibilidade de investimento.

O projeto ajudou a criar expectativas, a melhorar as condições de vida e tornar efetivas as transformações a nível social. Como referiu o entrevistado E1 “(...) cada um de nós vivia do seu trabalho de sol a sol, mas sempre com esperança num futuro melhor!”

Houve neste projeto, na opinião do entrevistado E2, uma transformação efetiva das condições de vida da população no sentido de disporem de mais recursos e de obterem melhores condições económicas. Para Silva (1989), mentora deste projeto, o desenvolvimento comunitário deve conter aspetos que traduzam uma transformação efetiva das condições de vida da população, que deve conseguir obter um patamar de vida mais elevado.

1.4. Impacto do projeto

1.4.1. A nível económico

Segundo os entrevistados, o projeto trouxe para a vila da Benedita benefícios a nível económico, que possivelmente não aconteceriam a curto prazo e sem a sua ajuda. Referiram, a nível económico, a modernização e reorganização de uma empresa de cutelaria e a criação de uma cooperativa agrícola. O facto de terem unido as pequenas oficinas criando uma fábrica, melhorando a sua competitividade e aumentando a produção num menor espaço de tempo, foi também um objetivo conquistado. Como adiantou o entrevistado E3, “começou-se a formar fábricas de malas e cintos a partir também da união de sócios, juntavam-se três ou quatro sócios e assim se progrediu.”. Também o entrevistado E1 se refere à modernização do setor da cutelaria, referindo que “(...) apoiou-se a modernização e reorganização de uma empresa de cutelaria.”

Criaram-se mais empregos, o que trouxe melhor qualidade de vida e a possibilidade de novos investimentos. O entrevistado E2 lembra a formação de trabalhadores na área do calçado, a partir da qual aqueles aprenderam a planificar o processo de produção, a trabalhar com equipamentos, a avaliar a qualidade dos processos tecnológicos. Passou-se a investir na formação dos recursos humanos. Realizaram-se conferências, cursos de aprendizagens domésticas e de valorização alimentar, adaptados à população da Benedita.

Tal como constataram os entrevistados, na Benedita, apesar dos diversos problemas inerentes a uma vila de do litoral centro do país, o facto de a sua população ser unida e lutadora fez com que deixasse a estagnação e se implementasse o dinamismo necessário ao desenvolvimento daquela localidade. As populações vizinhas passaram a ver a vila como uma localidade com um potencial económico bastante elevado e promissor dentro do concelho.

1.4.2. A nível educativo

Outra iniciativa desenvolvida do âmbito da ação do projeto foi a construção da escola secundária. A comunidade da Benedita angariou fundos para iniciar a escola secundária, de modo a dar resposta à aspiração dos beneditenses. Várias pessoas disponibilizaram dinheiro e bens para dar início às obras de construção do Externato Cooperativo, que contou com o apoio das entidades públicas, do grupo EEEDC e da população em geral.

Para os entrevistados, a escola veio abrir as portas aos jovens da vila, veio criar postos de trabalho e trouxe a valorização da Benedita junto das localidades vizinhas. Muitos jovens completaram o ensino secundário na vila e alargou-se o número de pessoas que conseguiram realizar o ensino secundário. Este movimento teve como reflexo o aumento do número de beneditenses que prosseguiram estudos no ensino superior. O Externato permitiu também a formação de pessoas para o setor terciário.

Segundo confessou o entrevistado E3, “(...)muitos jovens gostariam de estudar mas os pais tinham imensa dificuldade em pagar as mensalidades ao Externato.” O entrevistado E2 refere que “foi nessa mesma altura que um grupo se uniu junto do Ministério da Educação e conseguiram para cá um ensino, o Externato da Benedita, que inicialmente abriu numa casa que teria sido uma antiga fabriqueta e que depois chegou ao que temos hoje.”

1.4.3. A nível social, cultural e outros

Realizaram-se também encontros com as mulheres da vila em torno do âmbito da formação familiar e cívica, tendo como objetivo a melhoria da gestão doméstica. As pessoas passaram a valorizar-se nas suas vidas e tarefas a nível individual e comunitário. Esta metodologia exerce a função de tomada de consciência em relação à mudança pessoal e estrutural das famílias. Na realidade os beneditenses consciencializaram-se que as suas ações de animação implicaram o melhoramento da vida da população. Estas ações fizeram “despontar novas lideranças locais e também melhorou a autoestima coletiva”(E1), visto que as pessoas perceberam que eram capazes de lutar e cumprir os objetivos a que se propunham. Partiu-se então para um trabalho de valorização pessoal encaminhando os cidadãos para uma vida familiar e profissional adequada às evoluções conseguidas, através de melhores empregos, melhor educação, melhores condições de saúde e consequentemente uma melhor qualidade de vida em geral. Conforme refere E2, “(...) Acho que foi a união das pessoas! Para partirmos para um trabalho de valorização pessoal e profissional”.

2. Relação da população atual com o projeto

Entrevistas às pessoas que estão a levar a cabo várias iniciativas comemorativas do cinquentenário do projeto:

2.1. Razões da comemoração e iniciativas futuras

Atualmente, os entrevistados B1, B2 e B3 veem o projeto como algo inovador e bem-sucedido, assim sendo consideram a comemoração e destaque do mesmo de extrema importância para a história da terra.

Segundo os entrevistados, é muito importante celebrar e recordar o projeto, visto ter sido o marco mais importante para o desenvolvimento da vila de Benedita. Para o entrevistado B2, “os jovens de hoje devem saber o que aconteceu e como aconteceu, de que forma as pessoas sem posses nem estudos conseguiram criar uma vila evoluída e em constante desenvolvimento como existe presentemente”. O facto de se falar sobre o projeto em conferências, festas ou até mesmo trabalhos científicos e/ou estudos são formas de comemorar o projeto. Também é uma forma de mostrar que prevalece a aceitação da mudança, da evolução social, económica e cultural “para continuarmos num contexto de desenvolvimento, o principal será percebermos que devemos tomar em mãos o nosso próprio desenvolvimento não ficando à espera da passagem do tempo e da mudança sem esforço comum” (B2).

Holdcroft definiu (1978, pp.10) o desenvolvimento comunitário como sendo um “processo, método, programa, instituição, e/ou movimento que: a) envolve toda a base da comunidade na solução dos seus próprios problemas, b) promove o ensino e insiste no uso de processos democráticos para a (re) solução de problemas comum à comunidade, e c) estimula e facilita a transferência de tecnologias para que a comunidade possa solucionar, de forma efetiva, os seus problemas comuns. Unir esforços para resolver, de forma democrática e científica, os problemas comuns da comunidade foi visto como sendo um dos elementos essenciais ao desenvolvimento comunitário” De acordo com a entrevistada (B1), verificou-se no projeto implementado em 1962 e atualmente “a população da Benedita deve repensar o presente à luz do futuro, tendo em conta novos desafios ... salvaguardando as principais características e riquezas da vila”.

Na opinião de Gusfield (1975), para que cada cidadão se insira numa qualquer sociedade/comunidade é necessário que adquira uma consciência de propriedade sobre esse espaço geográfico. Assim, existe um carácter relacional que constitui a chamada rede social. Uma das condições para que o desenvolvimento comunitário aconteça é a identificação dos sujeitos com um

espaço geográfico, interligado numa rede social inerente a todas as comunidades e regiões. Segundo o entrevistado B1, “a Benedita precisa de uma rede social sólida e capaz de dar continuidade a todo um trabalho realizado em 1962”.

Segundo os entrevistados B1, B2 e B3, a comemoração do projeto é uma questão de extrema importância visto que é a forma de lembrar e informar a população sobre um projeto que teve com grandes implicações na vila de Benedita. Os entrevistados referem também a importância do exemplo a dar aos jovens beneditenses que precisam de conhecer o impacto no desenvolvimento da vila. Consideram que é importante mostrar a união que existiu e continuar esse trabalho, com objetivo de se conseguir o progresso da comunidade.

A comemoração do projeto de desenvolvimento comunitário na vila de Benedita também permite mostrar que prevalece a aceitação da mudança e que a comunidade continua a tarefa de participação na dinâmica da vila. Os entrevistados B1, B2 e B3 consideram que para dar continuidade ao desenvolvimento se deve apostar na valorização dos recursos locais, de forma sustentável. Consideram que é importante também ter em conta a união, pensar e perceber de que forma se uniram as pessoas de então e continuar essa metodologia de intervenção com o objetivo de se conseguir o progresso da vila da Benedita.

Como refere Camargo (2003), o desenvolvimento sustentável está ligado ao aproveitamento sustentável dos recursos e serviços existentes numa determinada comunidade, mobilizando-os para uma melhor qualidade de vida. A questão da sustentabilidade está assim relacionada com os conceitos de qualidade de vida e de bem-estar, com as questões ambientais e com a perspetiva do futuro.

2.2.Objetivos do projeto: Melhoria das condições de vida

Imperatori (2010, p.121) descreve da seguinte forma a Benedita em 1962: “ (...) na altura com aproximadamente 6 mil habitantes dispersos por várias localidades, comunicações rodoviárias muito deficientes, saneamento básico inexistente, agricultura pobre, indústria diversificada mas artesanal, problemas de saúde e de educação e com uma população com um certo grau de abertura ao desenvolvimento”. O principal objetivo do projeto de desenvolvimento comunitário seria a união entre as pessoas para a rentabilização de espaços e recursos. Assim, na opinião do entrevistado B1 este terá constituído, de facto, um passo enorme para o desenvolvimento da vila. A população necessitava apenas de uma rampa de lançamento e a partir daí tudo foi mais fácil. Para B2 “A equipa do processo de desenvolvimento comunitário da Benedita conseguiu cativar as pessoas para que refletissem sobre os seus próprios problemas e que pensassem nas soluções para esses

problemas e depois aplicaram-nas na criação de condições para a resolução desses mesmos problemas.” Segundo o entrevistado B1, um dos objetivos do grupo seria consciencializar as pessoas de que podiam melhorar e que existiam condições para tal, depois, o objetivo seguinte seria unir o máximo de população possível para trabalhar no desenvolvimento da vila. Este entrevistado defende a concretização dos objetivos como um processo de animação. Na opinião de B3, o projeto teve um como principal objetivo uma seleção de benefícios e capacidades da população da Benedita, “(...) ele catalisou potencialidades.”

2.3. Impacto do projeto

2.3.1. A nível económico

Segundo B1, a Benedita em 1962 era uma vila com poucas acessibilidades, sem eletricidade, com muitas pessoas analfabetas, praticando uma economia de subsistência. Tendo em conta este cenário, ”estamos perante uma vila que vive quase independente do seu concelho (Alcobaça). No espaço de cinquenta anos, esta vila teve progressos estonteantes ao nível da educação que em 1962 apenas dava acesso até à quarta classe, na indústria, que existiam apenas pequenas oficinas domésticas e de baixa produção, na cultura, que com o aumento da literacia da população surgiram as conferências, festas e o tempo de lazer” (B1). Na opinião do entrevistado B1, a vila de Benedita tinha um enorme potencial e capacidade de melhorar. Então o projeto teve um impacto bastante positivo na comunidade, na medida em que tornou a população mais empreendedora e mais inovadora. “Na indústria, as empresas passaram de “pequenas fabriquetas domésticas “para grandes sociedades fabris, o que levou mais gente à vila, principalmente comerciantes, e surgiram oportunidades de emprego, aumentando o poder económico da população. Também as questões agrícolas tiveram relevância. Foi criada uma cooperativa agrícola, que tornou o trabalho agrícola mais organizado e rentável para todos”(B1).

De facto é unânime que graças a todo o processo a Benedita é hoje uma potência económica a nível distrital. De todos os esforços conseguidos pela população nos anos de crescimento mais acentuado (1960 a 1964) foram fruto: as grandes indústrias de cutelaria que presentemente têm destaque a nível nacional e internacional e a indústria do calçado, que desde início formou fábricas com sócios e que cresceram tornando-se também, presentemente, uma reconhecida área industrial da freguesia. A aceitação de propostas e opiniões do grupo EEEDC por parte da população tornou-se o trilhar do caminho para o sucesso que todas aquelas empresas conseguiram até hoje. Estas áreas de trabalho, no geral, são agora o orgulho da população e quem faz da vila de Benedita uma

movimentada localidade em termos económicos e conseqüentemente também na empregabilidade da população da vila e periferia.

2.3.2. A nível educativo

Em 1956, a O.N.U. definiu da seguinte forma o desenvolvimento de comunidade: “um processo através do qual os esforços do próprio povo se unem aos das autoridades governamentais, com o fim de melhorar as condições económicas, sociais e culturais das comunidades, de integrar essas comunidades na vida nacional e de capacitá-las a contribuir plenamente para o progresso do país (...)” (Ammann, 1992, p. 32).

Para além do crescimento económico, também se verificaram alterações ao nível educativo. A união de esforços, dinheiros e recursos levou à criação do Externato Cooperativo da Benedita, o que permitiu que muitos dos jovens tivessem conseguido prosseguir estudos.

Para qualquer cidadão beneditense o Externato Cooperativo da Benedita (ECB) é o orgulho. É hoje uma escola imponente, sempre em evolução, com muitas iniciativas e um ótimo exemplo de que a escola pode ser uma forte forma de relação entre a população e as instituições. No ECB são criadas inúmeras atividades de integração da população das diferentes faixas etárias. O facto de o ECB ter sido uma obra tão amada e lutada pela população, faz dela a referência cultural da vila. Para o entrevistado B1, “(...) foi criada uma cooperativa de ensino que é talvez aquele marco mais importante desse desenvolvimento, ou pelo menos foi aquele que perdurou no tempo e que ainda hoje tem dado e serve a população da zona.”

Associações, instituições e outros grupos culturais, sociais e educativos existentes na Benedita utilizam e abarcam esta escola em todo e qualquer projeto criado e executado na vila. Até a igreja, da qual o Externato, em parte, integra opta por realizar palestras e outras atividades e eventos católicos nas suas infraestruturas. Para todos, ao nível da educação, é sem dúvida o Externato Cooperativo da Benedita o grande feito, construído e em crescente desenvolvimento desde 1960 até hoje, que já conta com mais de 1500 alunos e diversos cursos, científicos, tecnológicos e profissionais, para oferecer à população.

2.3.3. A nível social, cultural e outros

Na visão do entrevistado (B2), a comunidade “tomou em mãos” o seu próprio desenvolvimento, sentiu a necessidade de melhorar, tendo em vista desenvolvimento da vila. A partir do conhecimento das suas características e possibilidades, melhorou a capacidade de

empreendedorismo da vila e as atividades desportivas e culturais tornaram-se mais frequentes, aumentando também por esta via as relações na população.

Segundo Haveri (1996, p.53), “as comunidades procuram utilizar as características específicas e as suas qualidades superiores e especializam-se nos campos em que têm uma vantagem comparativa com relação às outras regiões”. O projeto constituiu uma forma de criar relações, de sociabilização e de aprendizagem social. As pessoas aprenderam a ouvir, a partilhar opiniões e a saber respeitar também os desejos e gostos de cada um. Quando abordamos a questão cultural, deparamo-nos de novo com o Externato Cooperativo da Benedita, que não poderá deixar de ser referido, visto que após a criação de turmas iniciou logo também outras atividades, tais como palestras e seminários acerca de temas da época e que ajudavam também a população a abordar diversos temas e a crescer intelectualmente. O facto de a igreja ter criado um museu de arte sacra enriqueceu também culturalmente a Benedita. A partir daí foram sendo criadas associações diversas, com os mais variados fins. Simplesmente o gosto de participar e de reunir esforços e tarefas leva a que a vila possa ter o grupo de escuteiros, a Universidade Sénior, o grupo de jovens da igreja e algumas associações das aldeias com a elaboração de festas e arraiais com mostras de comidas e doces típicos.

3. Síntese da informação recolhida junto dos entrevistados

Segundo os entrevistados participantes do projeto e os implicados na comemoração do mesmo, este foi muito importante a dois níveis. Para além de tornar a Benedita uma terra com melhores condições para os seus habitantes, tanto económicas, como educativas e sociais, mostrou que o trabalho participativo e a descoberta das potencialidades da vila pela população foram determinantes no sucesso de todo o projeto.

O apoio do grupo EEEDC foi, na opinião de ambos os grupos de entrevistados, um grande suporte para o sucesso obtido. O desenvolvimento da Benedita foi conhecido por outros grupos populacionais. Os beneditenses e o grupo que apoiou a população no terreno entre 1962 e 1964 levaram a cabo uma panóplia de ações que contribuíram para o seu desenvolvimento económico, social e cultural.

Foi publicada a bibliografia sobre o desenvolvimento comunitário, contendo a apresentação e análise do caso de desenvolvimento comunitário da vila da Benedita mas a apresentação de testemunhos e a realização de atividades de comemoração ajudam a manter viva a memória e a criar

motivação para continuar a investir no trabalho participativo para o desenvolvimento da comunidade.

Conclusões

O presente trabalho foi realizado no âmbito da unidade curricular de Projeto do Mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Educação e Desenvolvimento Comunitário. Este teve como principal objetivo dar a conhecer e analisar a perceção dos beneditenses quanto ao impacto (económico, social, educativo e cultural) do projeto de desenvolvimento comunitário implementado na Benedita no período 1962-1964.

Assim, e com o desígnio de obtermos resposta quanto ao estudo efetuado, realizámos várias fases de forma a compreender e analisar todo o projeto de desenvolvimento comunitário desde o seu início, deste modo partimos da união de diversos dados e testemunhos que nos foram guiando à compreensão e elaboração do estudo.

Definimos como pergunta de partida: Qual a perceção dos beneditenses quanto ao impacto (económico, social, educativo e cultural) do projeto de desenvolvimento comunitário implementado na Benedita no período 1962 - 1964?

Como enquadramento teórico considerámos o conceito de desenvolvimento comunitário. O desenvolvimento comunitário parte da criação de um projeto que reúne um grupo de pessoas e que entre elas identificam ações e atividades que são consideradas capazes de melhorar uma determinada comunidade, possibilitando a partilha, a união e a criação de algo de interesse comum nessa mesma comunidade. Verifica-se que é extremamente importante definir estratégias de intervenção e de resposta às necessidades sociais apresentadas pela comunidade. Para Correa (2006/2007) a comunidade é identificada pela sua interação, consequência de uma organização metodológica de forma a garantir o equilíbrio e a qualidade de vida dos cidadãos. Assim torna-se necessária a interferência de vários profissionais sociais de diferentes áreas para que possam intervir nas mais diferentes problemáticas inerentes á comunidade em questão. Surgirá assim o adjetivo educar, que será possível através de ações e práticas a realizar em parceria entre os técnicos e o seu público-alvo. Assim sendo, os técnicos sociais devem promover a educação e a capacidade de desenvolvimento pessoal e coletivo da pessoa. A união de uma comunidade em prol de um ou mais objetivos comuns pode traduzir-se em desenvolvimento comunitário.

No que respeita à realidade da vila de Benedita, percebemos que existiu dificuldade em mostrar à população que era viável a participação naquele projeto e que o mesmo seria para benefício dos próprios e não do grupo que o orientou. Nem tudo foi facilitado. Inicialmente parte da população não aderiu porque considerava ser uma perda de tempo tudo o que o grupo EEEDC lhes queria mostrar. Contudo, alguns líderes que se foram formando na vila foram conseguindo mostrar à população os benefícios da participação e do trabalho em conjunto. Partindo das entrevistas

realizadas a várias pessoas envolvidas no projeto conseguimos perceber que o projeto de desenvolvimento comunitário da Benedita foi a rampa de lançamento para uma vila, provocando alguma evolução e empreendedorismo. Sabendo que esta vila tinha tudo o que seria necessário para crescer, era necessário identificar o caminho a seguir.

A vila da Benedita tem hoje empresas de sucesso, ótimas instalações escolares, boas iniciativas culturais e associativas e uma população bastante mais aberta à mudança, e principalmente, à evolução, devido a toda a mutação que a envolveu ao longo dos anos e que tornou possível que a comunidade seja hoje mais participativa e acolhedora de novas propostas, sejam elas educacionais, culturais, de solidariedade, desportivas ou outra.

Pensamos que há na Benedita um sentimento de pertença por parte da população que facilita o crescimento da Benedita. Também cada cidadão desta comunidade deve sentir-se na obrigação de participar em atividades conjuntas, dando continuidade ao sucesso do projeto de 1960/1964, pois se há cinquenta anos as mudanças foram tão grandes, hoje, rodeados de tecnologias, será mais fácil progredir.

Sintetizando, constatámos que é sempre possível ir mais longe, apenas é necessário trabalhar em equipa, ajudando o próximo, tendo ideias, discutindo-as e pondo-as em prática, colocando metas a alcançar. No caso específico da Benedita, ao nível da economia os avanços foram notórios, as pequenas fábricas em casas particulares foram transformadas em grandes e médias indústrias, os agricultores criaram uma cooperativa e conseguiram apoios para o seu trabalho, e a população, no geral, ganhou muito, pois os postos de trabalho multiplicaram-se.

Quanto à educação, esta sofreu grandes alterações: o desejo de uma escola secundária desencadeou uma luta junto da Câmara Municipal e do Ministério da Educação, então com o apoio destes órgãos. Com o grande auxílio da população foi construído o Externato Cooperativo da Benedita, que inicialmente funcionava apenas com vinte alunos e os professores eram pagos com o valor angariado com o pagamento das mensalidades dos alunos e sócios da escola. Posteriormente foi-se conseguindo um maior apoio estatal e mudaram-se as instalações para o local onde ainda hoje o Externato está em funcionamento. Surgiram assim jovens a prosseguir estudos e que após o ensino superior regressaram à vila para trabalhar na sua área de estudos.

O mercado de trabalho também foi alvo de uma grande evolução. Com a criação de novos postos de trabalho, a qualidade de vida da população melhorou significativamente e passou a ser exigido ao trabalhador uma maior concentração e qualificação para o trabalho a desempenhar. Em termos intelectuais e culturais, o acesso a mais e melhor informação, provocou também na comunidade uma maior capacidade de escolha, atitude e valores pessoais.

Este foi um projeto de elevado valor social, pois os cidadãos beneditenses devem a ele parte dos benefícios de que usufruem e a qualidade de vida que tem. Mostrou-se aos cidadãos que seria uma questão de trabalho e de aliança entre a população e o grupo EEEDC. Conquistaram-se pessoas e entidades, mostrando que havia forma de conquistar os objetivos a que se propunham e educaram-se as pessoas para a partilha, entreatajuda e cooperação.

Constatámos por fim que a população ficou satisfeita com as consequências da implementação do projeto e mostraram-se capazes de lutar em prol de um bem comum e de desejos, necessidades e benefícios comuns a toda a população.

Em suma, podemos concluir que o Projeto de Desenvolvimento Comunitário da Benedita foi algo que não está esquecido pela comunidade e que para todos consiste num projeto sempre inacabado. Continua de pé a necessidade de desenvolver ações, atividades e competências para continuar a trilhar o caminho iniciado em 1960 pela Dr.^a Manuela Silva e pelo seu grupo. Não só os entrevistados, mas também a comunidade no seu geral sentem o projeto como uma atividade inovadora para os beneditenses e que pode continuar a trazer frutos.

Referências bibliográficas

Albino, J. C., & Leão, L. (1997). Desenvolver Desenvolvendo. Práticas e Pistas para o Desenvolvimento Local no Alentejo. Messejana: ESDIME.

Ammaan, S. B. Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil. São Paulo: Cortez, 1992.

Barreto, A., & Preto, C. V. (2000). Indicadores Sociais: Portugal, 1960-2000. In António Barreto (org.), A Situação Social em Portugal 1960-1999, vol. II (pp. 77-248). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Benedita, P. (2012). Cónego José Mendes Serrazina. Lisboa: Cáritas Portuguesa.

Carmo, H. (2007). Desenvolvimento Comunitário. (2ª Edição). Lisboa: Universidade Aberta.

Carvalho, J., E. (2009). Metodologia do trabalho Científico. «Saber - Fazer» da investigação para dissertação e teses. (2ª Edição). Lisboa: Escolar Editora.

Correa., P., J., H. (2006/2007). Cuestiones Pedagógicas. Educación e Desarrollo Comunitario: Dialogando com Marco Marchioni, 18, pp.285 – 300.

Fortin, F. (2009). O processo de investigação – da conceção à realização. (5ª Edição). Loures: Editora Lusociência.

Fragoso, A. (2004). Investigando em rede no desenvolvimento local: um estudo de casos. Comunicação apresentada ao V Congresso Português de Sociologia, Braga, 12 a 15 de Maio.

Gómez, J., A., C. (2005). Revista de Educación. La Animación y el Desarrollo Comunitario como educación Social, 336, pp. 73-88.

Lenoire, R. (1989). “La notion de développement”, Foi et Développement, 175-176.

Milani, Carlos. Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil). In: Capital social, participação política e desenvolvimento local: atores da sociedade civil e políticas de desenvolvimento local na Bahia. Escola de Administração da UFBA (NPGA/NEPOL/PDGS). 2005.

Quivy, R., & Van Campenhout, L. (2008). Manual de investigação em ciências Sociais (5ª Edição). Lisboa: Edições Gradiva.

Reis, J. (1992). Os Espaços da Indústria. A regulação económica e o desenvolvimento local em Portugal. Porto: Edições Afrontamento.

Ruivo, F. (1990). Local e Política em Portugal: o poder local na mediação entre Centro e Periferia, Revista Crítica de Ciências Sociais, 30, 75-95.

Soares, I. (2009). Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento. Braga: Psiquilibris.

Trilla, J. (1998). Animação Sociocultural – Teorias, programas e âmbitos. Lisboa: Editorial Ariel.

Anexos

Anexo I

Guião das Entrevistas aos participantes (Guião A) e aos que
hoje preparam a comemoração (Guião B) do projeto de
desenvolvimento comunitário

Guião da entrevista A

Objetivos	Variáveis	Questões	Guião
<p>1. Conhecer as perspetivas que os atores têm do projeto e dos seus benefícios.</p>	<p>Atores; Perceção do projeto.</p>	<p>Qual a sua idade?</p> <p>Participou no projeto de desenvolvimento comunitário implementado na vila de Benedita a partir do ano 1962? Como?</p> <p>O que é que se recorda do projeto de desenvolvimento comunitário?</p> <p>Como é que as pessoas daquela época aderiram ao desenvolvimento do projeto?</p>	<p>1. Qual a sua idade?</p> <p>2. Participou no projeto de desenvolvimento comunitário implementado na vila de Benedita a partir do ano 1962? Como?</p> <p>3. O que é que se recorda do projeto de desenvolvimento comunitário?</p> <p>4. Como é que as pessoas daquela época aderiram ao desenvolvimento do projeto?</p>

<p>2. Clarificar as opiniões dos conhecedores do projeto sobre o desenvolvimento social, educacional, económico e cultural na vila presentemente.</p>	<p>Amplitude; Organização; Aplicação do projeto.</p>	<p>Como é que as pessoas da Benedita se organizaram? Como foram implicadas no desenvolvimento do projeto?</p> <p>Que actividades começaram por acontecer na Benedita no âmbito do projeto? Como se desenvolveu o projeto?</p> <p>Qual foi o papel das pessoas externas à Benedita?</p>	<p>5. Como é que as pessoas da Benedita se organizaram? Como foram implicadas no desenvolvimento do projeto?</p> <p>6. Que actividades começaram por acontecer na Benedita no âmbito do projeto? Como se desenvolveu o projeto?</p> <p>7. Qual foi o papel das pessoas externas à Benedita?</p>
<p>3. Perceber os benefícios, malefícios e melhorias.</p>	<p>Classificação;</p>	<p>A nível económico, que medidas foram tomadas?</p> <p>No campo da indústria, e tendo em consideração o modo de trabalho antes de 1962, o que aconteceu de mais importante?</p> <p>No campo da educação, que medidas foram tomadas?</p> <p>Que outras alterações aconteceram decorrentes da implementação do projeto?</p> <p>Que dificuldades sentiram?</p>	<p>8. A nível económico, que medidas foram tomadas?</p> <p>9. No campo da indústria, e tendo em consideração o modo de trabalho antes de 1962, o que aconteceu de mais importante?</p> <p>10. No campo da educação, que medidas foram tomadas?</p> <p>11. Que outras alterações aconteceram decorrentes da implementação do projeto?</p> <p>12. Que dificuldades sentiram?</p>

<p>4. Identificar novas ações para combater a estagnação do crescimento da vila.</p>	<p>Exposição de ações; Evolução e crescimento.</p>	<p>Na sua opinião, o projeto enquadra-se no âmbito de um projeto de desenvolvimento comunitário? Porquê?</p> <p>Parece-lhe importante comemorar os cinquenta anos de implementação deste projeto de desenvolvimento comunitário na freguesia? Porquê?</p> <p>Do seu ponto de vista, que novas iniciativas deveriam surgir na Benedita para continuar na linha do desenvolvimento do projeto?</p>	<p>13. Na sua opinião, o projeto enquadra-se no âmbito de um projeto de desenvolvimento comunitário? Porquê?</p> <p>14. Parece-lhe importante comemorar os cinquenta anos de implementação deste projeto de desenvolvimento comunitário na freguesia? Porquê?</p> <p>15. Do seu ponto de vista, que novas iniciativas deveriam surgir na Benedita para continuar na linha do desenvolvimento do projeto?</p>
--	--	--	--

Guião da entrevista B

Objetivos	Variáveis	Questões	Guião
1. Conhecer as perspectivas que os atores têm do projeto e dos seus benefícios;	Atores; Perceção do projeto.	Qual a sua idade? Qual a sua relação com a freguesia da Benedita? Considera importante a comemoração dos 50 anos do projeto de desenvolvimento comunitário da Benedita?	1. Identificação da idade 2. Qual a sua relação com a freguesia da Benedita? 3. Considera importante a comemoração dos 50 anos do projeto de desenvolvimento comunitário da Benedita?
2. Clarificar as opiniões dos conhecedores do projeto sobre o desenvolvimento social, educacional, económico e cultural na vila presentemente.	Amplitude; Organização; Aplicação do projeto.	Qual o impacto do projeto no desenvolvimento da Benedita? Que atividades do projeto considera mais importantes? Qual o papel das pessoas externas à Benedita?	4. Qual o impacto do projeto no desenvolvimento da Benedita? 5. Que atividades do projeto considera mais importantes? 6. Qual foi o papel das pessoas externas à Benedita?

<p>3. Perceber os benefícios, malefícios e melhorias através de algumas pessoas ainda vivas que participaram no projeto.</p>	<p>Classificação;</p>	<p>Na sua opinião, o projeto enquadra-se no âmbito de um projeto de desenvolvimento comunitário? Porquê?</p>	<p>7. Na sua opinião, o projeto enquadra-se no âmbito de um projeto de desenvolvimento comunitário? Porquê?</p>
<p>4. Identificar novas ações para combater a estagnação do crescimento da vila.</p>	<p>Exposição de ações; Evolução e crescimento.</p>	<p>Como vê hoje a vila de Benedita, tendo conhecimento do seu estado em 1962? Enumere alterações que se destaquem.</p> <p>Do seu ponto de vista, que novas iniciativas deveriam surgir na Benedita para continuar na linha do desenvolvimento do projeto?</p>	<p>8. Como vê hoje a vila de Benedita, tendo conhecimento do seu estado em 1962? Enumere alterações que se destaquem.</p> <p>9. Do seu ponto de vista, que novas iniciativas deveriam surgir na Benedita para continuar na linha do desenvolvimento do projeto?</p>

Anexo II

Entrevistas A e B

Inquérito por entrevista

Este inquérito **por entrevista enquadra-se no âmbito do Mestrado em Educação e Desenvolvimento Comunitário. Tem como objetivo analisar o** impacto do projeto de desenvolvimento comunitário que se desenvolveu entre 1962 e 1964 na vila de Benedita. **Agradeço a sua colaboração.**

A

1. Qual a sua idade?
2. Participou no projeto de desenvolvimento comunitário implementado na vila de Benedita a partir do ano de 1962? Como?
3. O que é que se recorda do projeto de desenvolvimento comunitário?
4. Como é que as pessoas daquela época aderiram ao desenvolvimento do projeto?
5. Como é que as pessoas da Benedita se organizaram? Como foram implicadas no desenvolvimento do projeto?
6. Que atividades começaram por acontecer na Benedita no âmbito do projeto? Como se desenvolveu o projeto?
7. Qual foi o papel das pessoas externas à Benedita?
8. A nível económico, que medidas foram tomadas?
9. No campo da indústria, e tendo em consideração o modo de trabalho antes de 1962, o que aconteceu de mais importante?
10. No campo da educação, que medidas foram tomadas?
11. Que outras alterações aconteceram decorrentes da implementação do projeto?
12. Que dificuldades sentiram?
13. Na sua opinião, o projeto enquadra-se no âmbito de um projeto de desenvolvimento comunitário? Porquê?
14. Parece-lhe importante comemorar os cinquenta anos de implementação deste projeto de desenvolvimento comunitário na freguesia? Porquê?
15. Do seu ponto de vista, que novas iniciativas deveriam surgir na Benedita para continuar na linha do desenvolvimento do projeto?

Grata pela colaboração

Inquérito por entrevista

Este inquérito **por entrevista enquadra-se no âmbito do Mestrado em Educação e Desenvolvimento Comunitário. Tem como objetivo analisar o** impacto do projeto de desenvolvimento comunitário que se desenvolveu entre 1962 e 1964 na vila de Benedita. **Agradeço a sua colaboração.**

B

1. Qual a sua idade?
2. Que relação tem com a freguesia da Benedita?
3. Considera importante a comemoração dos 50 anos do projeto de desenvolvimento comunitário da Benedita? Porquê?
4. Qual o impacto do projeto no desenvolvimento da Benedita?
5. Que atividades do projeto considera que foram as mais importantes?
6. Qual foi o papel das pessoas externas à Benedita?
7. Na sua opinião o projeto enquadra-se no âmbito de um projeto de desenvolvimento comunitário? Porquê?
8. Como vê hoje a vila de Benedita, tendo conhecimento do seu estado em 1962? Enumere alterações que se destacam.
9. Do seu ponto de vista, que novas iniciativas deveriam surgir na Benedita para continuar na linha do desenvolvimento do projeto?

Grata pela Atenção!

Anexo III

Transcrição das entrevistas dos participantes no projeto

Entrevista a Dr.^a Manuela Silva

Entrevistador: Qual a sua idade?

E1. Bem, hoje 80 anos. Na altura em que iniciei o projeto de desenvolvimento comunitário na Benedita tinha 30.

Entrevistador: Participou no projeto de desenvolvimento comunitário implementado na vila de Benedita a partir do ano de 1962? Como?

E1. O projeto de DC na Benedita foi iniciado por uma equipe pluridisciplinar constituída por minha iniciativa e da qual eu era coordenadora, a Equipe de Estudos e Experimentação de Desenvolvimento Comunitário (EEEDC).

Entrevistador: O que é que se recorda do projeto de desenvolvimento comunitário?

E1. A freguesia da Benedita foi escolhida como um dos projetos-piloto de desenvolvimento comunitário e constituiu a primeira experiência dessa metodologia em Portugal. Foi dinamizado por uma equipe de investigadores e técnicos de diferentes serviços da Administração Pública e decorreu entre 1962 e 1965. Neste ano, foi criado no então Ministério da Saúde – Instituto de Assistência à Família um serviço de promoção social comunitária que assumiu a continuidade da animação social do projeto.

Entrevistador: Como é que as pessoas daquela época aderiram ao desenvolvimento do projeto?

E1. Desde o início que a Equipe de Estudos e Experimentação de Desenvolvimento Comunitário (EEEDC) encontrou grande receptividade entre as forças vivas locais, em especial por parte do respetivo Pároco. Por outro lado, o prestígio do Padre Serrazina, que sendo beneditense vivia em Lisboa, e o seu bom relacionamento com a coordenadora da EEEDC contribuiu muito positivamente para o estabelecimento dos primeiros contactos com a população.

Entrevistador: Como é que as pessoas da Benedita se organizaram? Como foram implicadas no desenvolvimento do projeto?

E1. Desde o começo que a EEEDC quis ouvir a população, auscultando as suas necessidades e aspirações. A partir de uma reunião realizada na Igreja e anunciada pelo Pároco, foi possível definir dois aspetos prioritários: a formação das mulheres e a organização da atividade artesanal do calçado, fonte importante do rendimento e do emprego local.

Entrevistador: Que atividades começaram por acontecer na Benedita no âmbito do projeto? Como se desenvolveu o processo?

E1. Já, comecei a responder na alínea anterior. Concretizando: A)- foram realizadas reuniões com os artesãos do calçado e com os próprios foi-se definindo um projeto de concentração da produção, equipamento e qualificação dos processos tecnológicos, formação do pessoal. Em poucos meses surgiu uma cooperativa de produção de calçado que, pouco tempo depois, evoluiu para uma empresa industrial sob a forma jurídica de sociedade por quotas; B)- organizaram-se com as próprias mulheres cursos de formação familiar e cívica e introduziram-se na freguesia serviços de proteção materno-infantis e educação para a saúde; C) – apoiou-se a modernização e reorganização de uma empresa de cutelaria; D)- promoveu-se o cooperativismo dirigido às atividades agrícolas locais (cooperativa de conservação e comercialização de frutos e cooperativa de suínos); apoiou-se junto dos líderes locais melhoramentos no plano do saneamento e do abastecimento de água em diferentes locais da freguesia; E)- promoveu-se a criação de um colégio cooperativo para responder à necessidade de prosseguimento de estudos além da 4ª classe.

Entrevistador: Qual foi o papel das pessoas externas à Benedita?

E1. A EEEDC desempenhou uma dupla ação: junto dos líderes locais e da população em geral um papel de dinamização das potencialidades locais; e através dos técnicos da EEEDC exercendo ação de facilitação junto dos respetivos serviços competentes, por ex. Maternidade Alfredo da Costa, Junta de Colonização Interna, Ministério da indústria, Ministério das Obras Públicas, Banco de Fomento, etc., para obter respostas para os projetos que, localmente, iam surgindo. A EEEDC exercia também papel mediador e de pressão junto das autoridades locais, nomeadamente junto da Câmara de Alcobaça, para resolução de problemas locais, por exemplo, nos transportes, nas vias de comunicação ou no saneamento.

Entrevistador: A nível económico, que medidas foram tomadas?

E1. Conforme já referi, foram dinamizadas as potencialidades locais e deste modo a criação de fábricas associadas, foram divulgadas novas formas de trabalhar na agricultura, a criação da cooperativa foi para os agricultores da época uma forma imponente de auxílio ao seu trabalho.

Entrevistador: No campo da indústria, e tendo em consideração o modo de trabalho antes de 1962, o que aconteceu de mais importante?

E1. Tal como indiquei no ponto anterior, a passagem de pequenas oficinas em casa para a construção de fábricas foi, sem dúvida, o mais importante. Passaram a trabalhar com mais condições, quantidade e qualidade.

Entrevistador: No campo da educação, que medidas foram tomadas?

Quanto à educação, para além da formação de adultos, surge o ponto principal, o Externato, para o qual a população lutou muito e conseguiu a sua construção.

Entrevistador: Que outras alterações aconteceram decorrentes da implementação do projeto?

E1. Penso que o projeto contribuiu para fazer despontar novas lideranças locais e para aumentar a autoestima coletiva. O projeto da Benedita era conhecido em outros espaços como um caso de sucesso de desenvolvimento participado e a partir de 1965 replicado em várias regiões do País.

Entrevistador: Que dificuldades sentiram?

E1. As dificuldades normais deste tipo de iniciativas: numa fase inicial, conseguir a confiança da população, designadamente por parte dos líderes locais e das pessoas que queriam participar nos projetos; numa fase mais avançada, a dificuldade de manter a confiança e o dinamismo dos primeiros tempos, tendo em conta as dificuldades dos percursos.

Entrevistador: Na sua opinião, o projeto enquadra-se no âmbito de um projeto de desenvolvimento comunitário? Porquê?

E1. Não há que falar em enquadramento: o desenvolvimento comunitário da Benedita foi o primeiro projeto a ensaiar uma metodologia de desenvolvimento local participado, isto é, desenvolvimento comunitário.

Entrevistador: Parece-lhe importante comemorar os cinquenta anos de implementação deste projeto de desenvolvimento comunitário na freguesia? Porquê?

E1. Para além de contribuir para cultivar a memória histórica junto das novas gerações – o que é sempre uma valorização – penso que ainda hoje, num novo contexto, há lugar para recorrer à metodologia do desenvolvimento comunitário para promover o desenvolvimento local, a luta contra o desemprego e o fomento da economia social e solidária como vias de conseguir uma melhor resposta para as novas necessidades da população.

Entrevistador: Do seu ponto de vista, que novas iniciativas deveriam surgir na Benedita para continuar na linha do desenvolvimento do projeto?

E1. Isso é com quem lá vive e sobretudo com as gerações mais novas que devem olhar para os recursos locais e descobrir formas de os valorizar.

Entrevista a Maria Celeste Serrazina

Entrevistadora: Qual a sua idade?

E2. Completei agora 82.

Entrevistadora: Participou no projeto de desenvolvimento comunitário implementado na vila de Benedita a partir do ano de 1962? Como?

E2. Sim, soube que esse projeto estava em movimento, simplesmente foi numa altura em que eu não estive na Benedita, mas estive sempre a par de que era para uma valorização familiar das pessoas, para uma união de trabalhos, certamente já outros lhe disseram que haviam muitos trabalhos individuais que depois se uniram e eu fui tomando conhecimento e apoiando sempre que possível.

Entrevistadora: O que é que se recorda do projeto de desenvolvimento comunitário?

E2. Recordo-me que as pessoas tiveram hipótese de ter melhor formação através de cursos, certamente foi no seguimento desse desenvolvimento que foi possível que do ministério da economia, o qual tinha criado os cursos de extensão agrícola familiar, pudesse ser realizado um cá na Benedita.

Entrevistadora: Como é que as pessoas daquela época aderiram ao desenvolvimento do projeto?

E2. Posso falar na medida em que penso que estava tudo ligado, quando foram convocadas as pessoas para a possibilidade de aderir a esses cursos, que seria uma forma de se valorizarem na ordem da sua vida, individualmente e comunitariamente. Portanto, as pessoas vinham aos cursos, principalmente da parte da tarde um grupo e à noite outro também e aí era uma forma de união e também de aprendizagem porque dava-se a formação familiar, portanto, tudo isto estava metido dentro de um projeto de valorização pessoal e familiar, um pouco de enfermagem, puericultura, formação de economia doméstica, maneira de arranjo do lar, com pequenas coisas que viriam a contribuir para a felicidade familiar.

Entrevistadora: Como é que as pessoas da Benedita se organizaram? Como foram implicadas no desenvolvimento do projeto?

E2. Eu penso que foi a união, a união de esforços e então em vez de ser cada um a trabalhar por si, uniram-se nos trabalhos e assim houve mais emprego para as pessoas. Até então era cada um na sua

casinha e só a própria pessoa a trabalhar e depois de uma formação, de um trabalho já mais industrializado e com mais saída pôde empregar-se mais pessoas.

Entrevistadora: Que atividades começaram por acontecer na Benedita no âmbito do projeto? Como se desenvolveu o processo?

E2. Houve atividades tais como conferências, os cursos de aprendizagens domésticas, nesses mesmos cursos a valorização alimentar, etc., pois muitas vezes as pessoas não sabiam utilizar corretamente os alimentos nas refeições devidas, ensinar uma alimentação equilibrada. As pessoas começaram a consciencializar-se que em cada produto da terra existiam valores vitamínicos ou proteínicos que era necessário pôr nas suas refeições.

Entrevistadora: Qual foi o papel das pessoas externas à Benedita?

E2. Ah...Esses foram como que o despertar nas pessoas. Foi aí que nasceu tudo, não é? E que depois também fizeram com que viessem outras pessoas que ajudaram no seguimento do projeto.

Entrevistadora: A nível económico, que medidas foram tomadas?

E2. A nível económico... não sei bem. Certamente cada um viu rentabilizados os seus trabalhos porque já começaram as fábricas a exportar, a vidas das pessoas a melhorar e a poderem comprar mais coisas e abrirem mais comércio, penso eu que foi assim.

Entrevistadora: No campo da indústria, e tendo em consideração o modo de trabalho antes de 1962, o que aconteceu de mais importante?

E2. Acho que foi a união das pessoas! Para partirmos para um trabalho de valorização pessoal e profissional. A união foi mesmo muito importante e isso foi despertado por esse desenvolvimento comunitário que cá iniciou na Benedita.

Entrevistador: No campo da educação que medidas foram tomadas?

E2. Foi nessa mesma altura que um grupo se uniu e junto do ministério conseguiram para cá um ensino, o Externato da Benedita, que inicialmente abriu numa casa que teria sido uma antiga fabriqueta e que depois chegou ao que temos hoje.

Entrevistadora: Que outras alterações aconteceram decorrentes da implementação do projeto?

E2. Claro...Toda uma valorização, vieram várias pessoas de fora, além dos técnicos de serviço social, vieram uma enfermeira, vieram então do ministério da brigada técnica da nona região de

Caldas da Rainha, de onde vieram engenheiros que falaram na melhor maneira de fazer plantações na terra e também da criação de animais. Acho que partiu daí também uma evolução ao nível da agricultura. Aqueles que não se ligavam tanto ao aspeto fabril terem também a possibilidade de criando animais conseguir melhorar a sua vida.

Entrevistadora: Que dificuldades sentiram?

E2. Foi bom esse tempo mas teve os seus retrocessos, claro. Contudo na altura houve uma aderência muito grande, as pessoas nessa altura estavam ávidas de receber qualquer coisa melhor inclusive nessa altura houve um lectário, onde era fornecido às pessoas a melhor maneira de criarem os seus filhos, as pessoas estavam desejosas de aprender tudo para uma vida melhor a todos os níveis. Contudo houve fábricas que não conseguiram seguir. Muitas delas já renderam muito dinheiro mas agora estagnaram, estão em decadência.

Entrevistadora: Na sua opinião, o projeto enquadra-se no âmbito de um projeto de desenvolvimento comunitário? Porquê?

E2. Eu acho que sim. Enquadra-se porque foi um começo e penso que tudo isto se deve a esse começo, pois teve vantagens para melhorar a união das pessoas para o trabalho, sair do individual para o coletivo. Nunca se iria conseguir tanto se cada um vivesse apenas voltado para si só.

Entrevistadora: Parece-lhe importante comemorar os cinquenta anos de implementação deste projeto de desenvolvimento comunitário na freguesia? Porquê?

E2. Sim! Muito importante. Até para que os mais novos saibam que tudo isto que encontram agora é aquilo que nesse tempo não havia e teve que ser suado e construído.

Entrevistada: Do seu ponto de vista, que novas iniciativas deveriam surgir na Benedita para continuar na linha do desenvolvimento do projeto?

E2. Era muito importante que os mais novos soubessem que tudo o que cá temos hoje foi conseguido com o pulso dos mais velhos. Era importante que os mais novos não deixassem de ser unidos e não deixassem de contribuir para tudo o que seja para o progresso da terra.

Entrevista ao Sr. Armando César

Entrevistadora: Qual a sua idade?

E3. A minha idade são 84 anos.

Entrevistadora: Participou no projeto de desenvolvimento comunitário implementado na vila de Benedita a partir do ano de 1960? Como?

E3. Sim, fiz parte até desse desenvolvimento comunitário porque veio um grupo responsável pelo projeto de desenvolvimento comunitário que vinha cá fazer muitas reuniões, e eu, como na altura era o regedor da freguesia, uma pequena autoridade que existia, eles procuravam-me sempre. Tentámos reunir pequenas oficinas de calçado para tentar criar uma fábrica, assim que se criou a primeira fábrica o povo aceitou logo e viu os benefícios, esses cem homens que compunham a fábrica iniciaram logo com muitas horas de trabalho diário e começaram logo a fazer mil pares de sapatos por dia.

Entrevistadora: O que se recorda do projeto de desenvolvimento comunitário?

E3. Recordo-me de participar em inúmeras reuniões, havia senhores que tiveram dificuldade em aceitar estas mudanças e estas novas fábricas, mas tiveram que acabar por ceder. Também me recordo que nada seria possível se não tivéssemos luz elétrica na Benedita.

Entrevistada: Como é que as pessoas da Benedita se organizaram? Como foram implicadas no desenvolvimento do projeto?

E3. Não foi muito fácil, foi com alguma dificuldade. Se hoje nos queixamos que a vida está em crise, nesse tempo era muito pior, não havia dinheiro, as pessoas iam-se movimentando, grande parte delas viviam da agricultura, em conjunto com a cutelaria e o calçado. A vida estava muito difícil e tinha que se entrar com dinheiro para ter uma fábrica. Depois tivemos também uma grande dificuldade, mas foi do melhor que se cá fez, o Externato, eramos dez na direção e tivemos que entrar todos com dinheiro ou então assinar letras para começarmos a arranjar dinheiro para a obra.

Entrevistadora: Que atividades começaram por acontecer na Benedita no âmbito do projeto? Como se desenvolveu o projeto?

E3. Como as pessoas já tinham mais ou menos a ideia da colaboração e da união, pois na altura da construção da igreja, em 52 também houve uma união do povo, as pessoas aqui já estavam preparadas para se unir e assim foi mais fácil, mesmo com muita dificuldade foi mais fácil, pois

segundo se diz “A união faz a força”! Esta nossa mentalidade foi das coisas mais importantes para o projeto ter pernas para andar.

Entrevistadora: Qual foi o papel das pessoas externas à Benedita?

E3. Todas as oficinas que precisavam de eletricidade começaram a desenvolver, eu por exemplo que trabalhava com ferros a carvão e com máquinas a pedais, comecei a pôr motores nas máquinas e nos ferros elétricos iniciando logo um processo de desenvolvimento industrial. O que eles fizeram principalmente foi unir o pessoal, mas mesmo depois de tudo eles nunca abandonaram a Benedita. O principal foi pensarmos em construir o Externato, também em relação a mim e aos meus irmãos o grupo tentou muitas vezes que montássemos uma fábrica, mas nunca se proporcionou. A obra que ficámos a dever a toda essa equipa foi mesmo o Externato, foi uma obra, para mim que cheguei a fazer parte da direção, que deu muito trabalho a conseguir, foi muito difícil arranjar dinheiro.

Entrevistadora: A nível económico que medidas foram tomadas?

E3. Isso é de louvar até! Tínhamos que arranjar a todo o custo o dinheiro para o Externato. Vou contar um pequeno episódio, tínhamos uma letra de setenta e cinco contos para pagar, combinámos reunir dez pessoas para juntar esse valor, mas nessa noite choveu torrencialmente, aparecemos apenas quatro, esperámos até à meia-noite e não apareceu mais ninguém. O combinado seria cada um entrar com sete contos e quinhentos escudos e a letra tinha que ser paga até ao dia seguinte, o banco não perdoava, então decidimos que, dos que lá estavam, uns pagavam por dois e outros por três para assim conseguirmos juntar o valor. Era uma união entre a comunidade que não foi pela falta de uns naquele dia que deixaríamos ir tudo por água abaixo.

Entrevistadora: No campo da indústria, e tendo em consideração o modo de trabalho antes de 1962, o que aconteceu de mais importante?

E3. Na indústria não foi apenas o calçado que vingou. Começou-se a formar fábricas de malas e cintos a partir também da união de sócios, juntavam-se três ou quatro sócios e assim se progrediu. Tomara a Benedita hoje poder progredir tanto num espaço de dez anos como aconteceu na altura.

Entrevistadora: No campo da educação, que medidas foram tomadas?

E3. No campo da educação tivemos que fazer o seguinte, inscrever sócios que pagassem uma cota para podermos arcar com as despesas do Externato. Eu próprio fui muitas vezes de terra em terra para conseguir angariar novos sócios. Este dinheiro que arranjávamos era para pagar aos professores, enquanto não era o Estado que o fazia.

Entrevistadora: Que outras alterações aconteceram decorrentes da implementação do projeto?

E3. As pessoas que vinham até à Benedita aumentaram muito, tanto para trabalhar como para estudar. A Benedita começou a mexer muito e com muita força.

Entrevistadora: Que dificuldades sentiram?

E3. Havia pessoas que, mesmo assim, não viviam em boas condições, muitos jovens gostariam de estudar mas os pais tinham imensa dificuldade em pagar as mensalidades ao Externato.

Entrevistadora: Na sua opinião, o projeto enquadra-se no âmbito de um projeto de desenvolvimento comunitário? Porquê?

E3. É e a sério! Eu acompanhei tudo isso e agora quiseram que eu participasse de um encontro que houve cá em que a Dr.^a Manuela Silva também esteve presente e quando nos encontrámos, abraçámo-nos e ela disse “ Este foi o senhor que nunca nos abandonou!” Havia dificuldade em as pessoas aceitarem, até a própria Câmara não aceitava a vinda do grupo. Por sua vez a junta de freguesia aceitou bem a vinda deles e assim todos juntos conseguimos uma forma de pôr as pessoas da Benedita satisfeitas. Na Benedita nem todas as pessoas são simpáticas, mas a maioria são simpáticas e acolhedoras.

Entrevistadora: Parece-lhe importante comemorar os cinquenta anos de implementação deste projeto de desenvolvimento comunitário na freguesia? Porquê?

E3. É muito importante. Foi organizada uma palestra, eu assisti, muitas pessoas falaram, eu próprio dei uma palavrinha e isto tudo são obras e feitos que nunca mais se esquecem! Aquele grupo foi uma grande ajuda e os próprios beneditenses foram corajosos.

Entrevistadora: Do seu ponto de vista, que novas iniciativas deveriam surgir na Benedita para continuar na linha do desenvolvimento do projeto?

E3. Na minha maneira de ver, já antiga, deviam haver pessoas que tentassem criar aqui outras indústrias não só de calçado e cutelaria, mas também outras que exportassem e se tornassem um sucesso como algumas que cá temos. Se mais pessoas se unissem como em 1962 seria bom, as pessoas hoje vivem muito separadas, apesar da falta de dinheiro. Penso que seria possível criar uma Benedita ainda maior que o que está.

Anexo IV

Transcrição das entrevistas aos que estão a levar a cabo a
comemoração do projeto

Entrevista a Dr^a Natália Serrazina (Presidente da Universidade Sénior)

Entrevistadora: Qual a sua idade?

E1. Tenho 59 anos.

Entrevistadora: Qual a sua relação com a freguesia da Benedita?

E1. É a freguesia onde nasci, onde vivi e vivo, onde trabalhei e onde ainda hoje estou.

Entrevistadora: Considera importante a comemoração dos 50 anos do projeto comunitário da benedita? Porquê?

E1. Eu acho que é importante pelo menos no sentido de transmitir aos mais novos conhecimentos do que foi a Benedita antes da década de 60 e o que aconteceu nessa década que levou a que a Benedita se desenvolvesse e fosse a terra que é hoje. Portanto penso que, pelo menos, deverá ter essa função, passar a história aos mais novos.

Entrevistadora: Qual o impacto do projeto no desenvolvimento da Benedita?

E1. Eu penso que aquele projeto na altura, para a Benedita que era uma aldeia rural, pobre, foi muito importante porque uniu as pessoas. Levou à criação de empresas, trouxe conhecimento, trouxe organização, mostrou às pessoas que podiam organizar-se de outra forma, que individualmente não conseguiam chegar a lado nenhum, foi criada uma cooperativa de ensino que é talvez aquele marco mais importante desse desenvolvimento, ou pelo menos foi aquele que perdurou no tempo e que ainda hoje tem dado e serve a população da zona.

Entrevistadora: Que atividades do projeto considera que foram as mais importantes?

E1. Portanto, já falei na questão da cooperativa de ensino, que acredito que em termos de longevidade é aquela que mais frutos deu e continua a dar, como escola de referência, uma escola com qualidade. Na altura o facto das pessoas se terem conseguido organizar e construir fábricas trouxe muita gente á Benedita e trouxe muito desenvolvimento, muito emprego, portanto isso foi importante para o desenvolvimento da terra. Também na agricultura, a criação de uma cooperativa de criadores de gado que ainda hoje também funciona, foi uma forma de desenvolver a terra. Sobretudo na organização, mostrando às pessoas que eram capazes de fazer e que eram elas que tinham que fazer, não poderiam estar à espera que viesse quem lhes resolvesse os problemas.

Entrevistadora: Qual foi o papel das pessoas externas à Benedita?

E1. É assim, eu não me lembro não altura como era, aquilo que eu tenho percebido, daquilo que li e da forma como trabalhavam tiveram um papel fundamental porque não vieram fazer nada, não vieram trazer dinheiro às pessoas, vieram ajudar as pessoas a organizar-se e mentalizar as pessoas de que elas eram capaz, e depois também garantir-lhes que a nível dos organismos oficiais tinham alguns apoios e de certo modo abriram portas às pessoas para elas depois terem acesso a outras coisas. Portanto, vieram mostrar que havia outras formas de fazer, essencialmente penso que foi esse o grande papel, portanto não vieram fazer. Eles ouviram as pessoas, eles tentaram perceber o que é que as pessoas queriam, não lhes vieram impor ideias, escutaram-nas, perceberam o que é que elas queriam e mostraram-lhes o caminho para desenvolver as ideias que tinham e aquilo que queriam fazer.

Entrevistadora: Na sua opinião o projeto enquadra-se no âmbito de um projeto de desenvolvimento comunitário? Porquê?

E1. Eu penso que sim, essencialmente por aquilo que acabei de dizer. Se eles conseguiram, os técnicos que vieram para cá, se conseguiram unir esta comunidade, conseguiram fazer perceber às pessoas que elas se conseguiam organizar e eram elas que tinham que ser o motor do seu desenvolvimento, portanto não podiam ficar à espera que as coisas aconteçam. As pessoas hoje estão sempre à espera de subsídios e dizem que não têm dinheiro, na altura também não havia dinheiro, mas as pessoas na comunidade, o projeto levou-as a perceber que se organizassem conseguiam avançar.

Entrevistadora: Como vê hoje a vila de Benedita, tendo conhecimento do seu estado em 1962? Enumere alterações que se destaquem?

E1. A vila de Benedita não tem nada a ver com o que era em 62. Em 62 era uma aldeia, uma aldeia muito pobre, com um solo pobre, sem água, com uma agricultura subsistente, com oficinas de sapateiro e pouco mais, enquanto que hoje é uma vila com os problemas inerentes ao mundo atual e à situação atual mas que realmente teve um desenvolvimento que poucas terras ou nenhuma tiveram nessa altura. Agora, neste momento, a vila de Benedita parece-me que está a precisar de uma coisa parecida, não é? De as pessoas perceberem que têm que tomar em mãos o seu próprio desenvolvimento, que a indústria está parada, portanto o desenvolvimento que se conheceu nas décadas a seguir, neste momento não se vê porque se calhar as pessoas não se interessam, muito pensam que o mais fácil é sair e saem, não se estão a aproveitar muitos jovens que poderiam cá estar porque não tem havido ou não temos sido capazes de agarrar em mãos aquilo que os nossos antepassados fizeram. Arregaçar as mangas e perceber que se tem que ir à luta. Também,

possivelmente, não houve uma passagem, os donos das empresas, muitos deles, fugiram e também muitas delas faliram, porque se calhar não houve seguidores, portanto a formação dos nossos empresários não foi a que deveria ser. Acho que a Benedita, neste momento, está outra vez a precisar de uma equipa de desenvolvimento comunitário, embora não tenha comparação com o estado anterior. Em termos de tamanho, de área, de problemas, estamos com problemas inerentes a uma vila que cresceu muito e muito depressa, não tem comparação.

Entrevistadora: Do seu ponto de vista, que novas iniciativas deveriam surgir na Benedita para continuar na linha do desenvolvimento do projeto?

E1. Se calhar aquilo que disse na pergunta anterior, nós temos que perceber, sobretudo os jovens, perceber que têm que tomar em mãos o desenvolvimento desta terra. Há muita gente empreendedora, eu acho que pelo menos aquilo que se percebe é que a população da Benedita, que é empreendedora e que mostrou isso na década de 60, continua a ser empreendedora, porque isso também se nota, só que neste momento, se calhar, para muitos é mais fácil sair do que ficar cá. Tem que haver um movimento novamente, para que a população da Benedita volte a tomar conta da Benedita, volte a pensar que se tem que organizar, tem que se mobilizar em volta desta terra e ver se as coisa voltam ao sítio porque neste momento é uma terra muito parada, uma terra que não tem espaços verdes, e temos uma zona tão bonita aqui ao pé e não se tem conseguido fazer nada, é uma terra feia, descaracterizada, é uma terra sem acessibilidades, não há nenhuma preocupação com as pessoas que têm problemas de mobilidade, não há um passeio rebaixado... Por outro lado é uma terra que continua aqui, apesar da crise, as pessoas da Benedita têm esta característica, hoje fecha, amanhã abre outra empresa, por isso há empreendedorismo, eu acho que isso é inato à população da Benedita. Simplesmente também não sei muito bem, não tenho nenhuma receita, se tivesse receita, receita se calhar ninguém tem. Se soubéssemos o que devíamos fazer era fácil, era só fazer. Está na altura de arregaçar as mangas e pensarmos que não podemos estar à espera de dinheiro da Europa e neste momento de crise temos que perceber que deve ser internamente as pessoas a organizarem-se e a ver o que precisam e o que faz falta e trabalhar, ir à luta e fazer. Sobretudo, penso que está na altura dos jovens. Há uma coisa que costumo dizer muitas vezes que é o facto de se comemorar, não se fez nada de jeito, mas pelo menos falar-se nisto, sinto que temos a obrigação de passar isso, é um dever para com quem lutou tanto e fez tantos sacrifícios. Acho que, pelo menos passar isto aos jovens, mostrar que na altura foi possível, com mais dificuldades que agora, lembro-me que o meu pai, para arranjar duzentos escudos para pagar a mensalidade era muito difícil, é logico que agora há outros problemas, mas penso que é bom que os jovens saibam que foi possível sem dinheiro e que

agora todos nos habituámos aos subsídios. A equipa não veio dar dinheiro, veio dar muito mais que isso, veio dar organização. Ensinou que se fizessem de tal forma resultava e resultou!

Entrevista ao Dr. Júlio Ricardo (professor do ensino básico)

Entrevistadora: Qual a sua idade?

E2. Tenho 53 anos.

Entrevistadora: Que relação tem com a freguesia?

E2. Sou professor primário na freguesia de Benedita há já talvez 10 anos, e assumi esta condição de estar aqui a trabalhar na Benedita e é aqui que dedico o meu dia-a-dia à minha profissão.

Entrevistadora: Considera importante a comemoração dos cinquenta anos do projeto de desenvolvimento comunitário da Benedita? Porquê?

E2. Eu penso que é importante comemorar qualquer data significativa para uma comunidade, mas o mais importante aqui é o que se entende por comemoração dos 50 anos do desenvolvimento comunitário na Benedita, porque não pode ser uma romagem ao passado com saudosismo mas deveria ser um movimento alargado em que as pessoas da Benedita repensassem um bocado sobre o que foi o seu processo nos últimos 50 anos, o que é que havia naquela altura, o que é que aconteceu para que a Benedita se pudesse desenvolver e que neste contexto de crise que se vive atualmente o que é que a Benedita podia fazer que pudesse alavancar uma nova fase do seu desenvolvimento. Portanto, é importante comemorar, só que apenas comemorar como um facto/um acontecimento não chega porque há o dinamismo de um processo que foi feito aqui na Benedita e que não se pode limitar a um simples facto simbólico de comemoração. Devia ser um processo alargado de pôr as pessoas a pensar nesta comunidade outra vez.

Entrevistadora: Qual o impacto do projeto no desenvolvimento da Benedita?

E2. Eu penso que o que se fez aqui na Benedita nestes três anos de, de 62 a 64, influenciou e influencia o que é, neste momento, a Benedita. Temos uma associação para o desenvolvimento comunitário, a própria Universidade Sénior da Benedita envolve esse conceito de desenvolvimento comunitário, temos ligado à igreja um centro comunitário, portanto a palavra, o conceito ficou. Depois, todo aquele processo de envolvimento das pessoas no seu próprio processo, as pessoas foram os protagonistas do desenvolvimento comunitário da Benedita, continua hoje, tudo o que acontece na Benedita em termos sociais, industriais, económicos e até culturais tem um pouco a matriz desse processo que aconteceu nos anos 60.

Entrevistadora: Que atividades do projeto considera que foram as mais importantes?

E2. O envolvimento das pessoas e o apelo à participação. A equipa do processo de desenvolvimento comunitário da Benedita conseguiu cativar as pessoas para que refletissem sobre os seus próprios problemas e que pensassem nas soluções para esses problemas e depois aplicaram-nas na criação de condições para a resolução desses mesmos problemas. Isto é um processo, mais que um projeto é um processo de desenvolvimento comunitário e foi essencialmente a metodologia de trabalho que a equipa usou, esta equipa chamava-se Equipa de Experimentação e Investigação sobre Desenvolvimento Comunitário, havia uma ligação muito forte entre a experimentação e a investigação e foi, portanto a metodologia do trabalho que permitiu chegar aos resultados a que se chegou.

Entrevistadora: Qual foi o papel das pessoas externas à Benedita?

E2. A equipa que veio trabalhar para a Benedita teve essencialmente o papel de animação do processo. Em muitos documentos diz que a equipa devia estar nas reuniões para escutar, para avaliar e para depois provocar o desencadear das situações, não propriamente para substituir as pessoas.

Entrevistadora: Na sua opinião o projeto enquadra-se no âmbito de um projeto de desenvolvimento comunitário? Porquê?

E2. Sim. O projeto enquadra-se num processo de desenvolvimento comunitário, mais que um projeto é um processo porque acaba por não ter fim, este não teve muito a ver com o que é hoje chamado desenvolvimento comunitário e local, porque aqui tratou-se de agarrar numa comunidade alargada, a freguesia de Benedita, e tentar que todas as aldeias da freguesia tivessem envolvidas e havia uma determinada escala porque cada aldeia tinha “n” pessoas e teria que ter um representante das diferentes comissões de trabalho que se criava, portanto foi um processo de desenvolvimento comunitário porque as próprias pessoas que viviam aqui identificavam os constrangimentos, criavam soluções e levaram-nos à prática. Para mim isso é um processo de desenvolvimento comunitário.

Entrevistadora: Como vê hoje a vila de Benedita, tendo conhecimento do seu estado em 1962? Enumere alterações que se destacam.

E2. Penso que a Benedita deu um salto qualitativo e quantitativo muito grande, em 62 tínhamos uma comunidade em que o analfabetismo era muito grande, não digo que se vivia numa economia de pobreza, mas sim numa economia de subsistência, de muito pouca disponibilidade de recursos, mas que a equipa conseguiu provar às pessoas que era possível e basta dizer que foram capazes de

pôr estas pessoas a pensar que poderiam ter uma escola, quando o ensino em Portugal nos anos 60 sabemos como estava, a taxa de analfabetismo que tínhamos era grande e como é que esta comunidade conseguiu sonhar com uma escola secundária industrial, que acabou por se tornar no Externato Cooperativo da Benedita. Penso que as condições são significativas em termos de cultura, em termos sociais e em termos económicos e até uma capacidade de empreendedorismo que já estava na matriz da Benedita mas que em certa medida o processo de desenvolvimento comunitário pôde potenciar e desenvolver.

Entrevistadora: Do seu ponto de vista, que novas iniciativas deveriam surgir na Benedita para continuar na linha do desenvolvimento do projeto?

E2. Aqui há tempos vi um texto da Dr.^a Manuela Silva em que apelava às pessoas da Benedita para que repensassem o presente à luz do futuro e no fim de contas um processo de animação é essencialmente pôr as pessoas a pensar no futuro, no que desejam ter e depois trazer bocados desse futuro para o presente, começarem a delinear caminhos e etapas para que possam chegar a essa realidade que as pessoas querem ver no futuro. Porque se nós queremos modificar o futuro temos que modificar o presente.

Entrevista ao Dr. Acácio Catarino

Entrevistadora: Qual a sua idade?

E3. Tenho 77 anos.

Entrevistadora: Que relação tem com a freguesia da Benedita?

E3. Sou natural da freguesia. Deixei de residir nela aos onze anos, mas desloquei-me lá com regularidade, nas férias e em muitos fins-de-semana. Infelizmente, a década de sessenta foi aquela em que as deslocações foram menos frequentes, devido à intensificação da vida profissional.

Entrevistadora: Considera importante a comemoração dos cinquenta anos do projeto de desenvolvimento comunitário da Benedita? Porquê?

E3. Considero muito importante e oportuna a comemoração dos 50 anos da experiência (ou projeto) de desenvolvimento comunitário: importante, porque a procura do desenvolvimento integral deveria verificar-se na Benedita, como em todas as localidades, sob pena de desequilíbrios e injustiças graves; oportuno, porque a crise atual torna absolutamente indispensável a procura de novos caminhos. Noto que o processo de desenvolvimento pode ter a designação de «comunitário», «local», «endógeno» ou outra que se considere mais adequada.

Entrevistadora: Qual o impacto do projeto no desenvolvimento da benedita?

E3. O Projeto foi importante sob vários aspetos, de que realço apenas dois: ele catalisou potencialidades; e abriu horizontes. Não se pode afirmar que o Projeto desencadeou o espírito de iniciativa, que já existia há muito na freguesia de Benedita; em contrapartida contribuiu para a consciência pessoal e coletiva desta capacidade, bem como para a sua intensificação num patamar diferente. Por outro lado, o Projeto abriu horizontes em vários aspetos, como por exemplo: a prática associativa; a organização das empresas; a maior penetração nos mercados, chegando mesmo ao âmbito internacional; a aplicação da legislação do trabalho e da segurança social... Em suma: a Benedita soube manter as suas características ancestrais positivas e, ao mesmo tempo, abriu-se à modernidade económica e social, atingindo um pioneirismo invulgar no território em que se insere. Uma expressão particularmente relevante da abertura de horizontes foi a criação da Cooperativa de Ensino e Cultura, na qual se insere o Externato Cooperativo da Benedita. A Cooperativa tornou acessível o ensino secundário que, até aí, só era alcançado por uma percentagem ínfima da população; fez a ligação entre a escolaridade e a formação profissional; proporcionou o exercício de atividades desportivas e culturais diversas; contribuiu para que um elevado número de alunos

completasse cursos no ensino superior, e viesse a ocupar lugares de alta responsabilidade em vários domínios de atividade económica, docente e científica...

Entrevistadora: Que atividades do projeto considera que foram mais importantes?

E3. A criação da Cooperativa de Ensino e Cultura foi a grande realização mais visível. Porém, antes dela e na sua base, realizaram-se muitas outras, com realce para: a investigação-ação realizada por membros da equipa técnica e por outros atores sociais; as inúmeras reuniões e outros contactos levados a efeito pela mesma equipa; a criação e funcionamento de comissões locais em que participou um elevado número de beneditenses; o apoio prestado na criação de empresas que associaram várias oficinas de calçado... Devo registar, ainda, uma atividade não expressa, ou expressa muito cuidadosamente; ela consistiu no desenvolvimento de um certo espírito crítico perante as realidades envolventes, e mesmo perante a experiência de desenvolvimento comunitário. Houve quem levantasse reservas à experiência, houve quem aderisse com forte convicção, e verificaram-se adesões quase unânimes - mesmo entusiastas - a algumas iniciativas, como por exemplo a criação da Cooperativa de Ensino e Cultura. Tanto quanto sei, este espírito crítico não foi assumido formalmente; no entanto, deu origem a duas posições que persistiram durante alguns anos: a maioritária, segundo a qual o Projeto foi determinante no desenvolvimento da freguesia; e a outra, segundo a qual o desenvolvimento se processou apesar do Projeto, ou com escasso contributo dele.

A propósito do espírito crítico, não resisto a referir que um beneditense de alto estatuto social, cujos filhos tinham prosseguido estudos para além do ensino primário, afirmou a propósito da criação da Cooperativa de Ensino e Cultura: que desgraça veio para a nossa terra... Este episódio, que teria suscitado fortes críticas se fosse conhecido, continha um alerta premonitório para os dias de hoje: importa que o ensino não afaste os jovens dos valores constitutivos da sua identidade, nomeadamente do valor «trabalho»; quanto a este, defendia o autor da frase o imperativo de uma ligação muito estreita entre o ensino e o mundo laboral; aliás um dos seus filhos, habilitado com um curso superior, passou algum tempo sem atividade profissional adequada, aceitou-a com dedicação e, depois, notabilizou-se numa carreira técnico-científica internacional.

Entrevistadora: Qual o papel de pessoas estranhas à Benedita?

E3. Parece-me que foi decisivo o papel de pessoas estranhas à Benedita; e, entre estas, incluíam-se não só os membros da equipa técnica mas também peritos vários que foram dando o seu contributo. Essas pessoas desencadearam e «animaram» o processo de desenvolvimento comunitário e suscitaram relacionamentos naturais - de igual para igual - com membros da população local.

Prestaram apoio técnico diversificado, possibilitaram outras colaborações e foram mediadores junto de várias entidades.

Note-se que, nos relacionamentos de igual para igual, os habitantes assumiram a sua dignidade pessoal e atenuaram, ou erradicaram mesmo, sentimentos de inferioridade em relação a pessoas com escolaridade e rendimentos mais altos. Curiosamente, muitos deles, volvidos alguns anos, passaram a ter esse relacionamento dignificante com os seus próprios filhos que, entretanto, concluíram cursos superiores. E outros, em menor número, vieram a integrar pessoas, com esse nível de escolaridade, nas suas empresas; sentiram - «viram» - que o nível de escolaridade, sendo relevante obviamente, não pode atrofiar a igual dignidade pessoal nem a dos diferentes tipos e níveis de saber e agir.

Impõe-se aqui uma alusão ao Padre (depois, Cónego) José Mendes Serrazina, já mencionado atrás. Não era estranho à Benedita, dado que nasceu nela, e mantinha uma estreita ligação através de visitas, colaborações e contactos vários muito frequentes. Mas, residindo em Lisboa, partilhava da identidade dos membros da equipa técnica e de outros participantes. Funcionou como elo de ligação, quando necessário, entre a população e a equipa, até porque esteve na origem da fixação desta na Benedita.

Entrevistadora: Na sua opinião o projeto enquadra-se no âmbito de um projeto de desenvolvimento comunitário? Porquê?

E3. De facto a experiência na freguesia de Benedita reunia a generalidade das características de um processo de desenvolvimento comunitário: envolveu uma parte significativa da população; baseou-se na consciência dos problemas comuns e procurou as respetivas soluções; não afetou a prossecução dos projetos pessoais; conseguiu uma forte participação nas decisões comuns, bem como na respetiva sequência; incluiu avaliações que levaram a alterações das linhas de ação; respeitou a autonomia de cada pessoa, família e instituição, considerando normal que participassem pouco, ou mesmo nada, aquelas que assim o entendessem...

Contudo - e como bem se compreende - talvez se tenham verificado algumas lacunas ou deficiências. Assim, por exemplo, é provável que a informação sobre o Projeto não tenha circulado convenientemente; porventura, alguns habitantes desconhecera a sua existência ou tiveram, dele, uma ideia muito sumária. Com base nos escassos elementos de que disponho, é admissível afirmar que o Projeto não constituiu um verdadeiro processo de desenvolvimento integral: com efeito, muitas atividades locais ficaram de fora; não se elaboraram programas abrangentes, com avaliações regulares; e não se criou uma dinâmica para a continuidade... Parece altamente recomendável que, em iniciativas futuras, se evitem estas limitações.

Entrevistadora: Como vê hoje a vila de Benedita, tendo em consideração o seu estado em 1960? Enumere alterações que se destacam.

E3. As mudanças verificadas nos últimos 50 anos foram profundíssimas e muito amplas. Exagerando bastante, dir-se-á que passámos da época medieval para o mundo contemporâneo da mais alta tecnologia, num quadro de relações e horizontes muito alargado e diversificado. Sublinho, em particular: a mudança de uma sociedade agrícola e de atividades artesanais para uma sociedade, predominantemente, de serviços; a notória elevação dos níveis de escolaridade; a convivência natural com pessoas de estatutos diferentes (cf. a resposta nº. 6); o elevado grau de concentração urbana, na sede da freguesia; a melhoria das condições de vida em todos os aspetos; o enorme aumento de residentes originários de outras zonas do país; o fácil relacionamento com vários países - mesmo dos mais longínquos - por motivos de comércio, ensino, atividade profissional ou turismo; a alteração do quadro religioso, com a diminuição do número de católicos ditos «não praticantes» e a aceitação de agnósticos, «indiferentes» e ateus como realidade normal; uma visão e vivência da morte diferente da tradicional, ainda pouco estudada; a alteração da vida familiar, com menor número de filhos, uniões de facto, divórcios e outras realidades impensáveis outrora...

A par destas e de tantas mudanças que se poderiam acrescentar, têm subsistido características do passado, embora de maneira difusa e, por vezes, quase impercetível: refiro-me em especial à permanência de valores considerados tradicionais, embora com atualizações várias, mesmo entre a população sem raízes na Benedita; e a relativa naturalidade com que muitas pessoas originárias da freguesia, incluindo as de idade mais avançada, aceitaram os processos e os conteúdos das mudanças. Não quer isto dizer que não se tenham verificado conflitos graves, desgostos inenarráveis, angústias profundas, inadaptações de toda a ordem...; no entanto, o que prevalece à superfície, e de maneira generalizada, é a aceitação da mudança e até a participação nela.

Entrevistadora: Do seu ponto de vista, que novas iniciativas deveriam surgir na Benedita para continuar na linha do desenvolvimento do projeto?

E3. É altamente recomendável que se retome, em novos moldes, a experiência de desenvolvimento comunitário. Não é necessário que mantenha a mesma designação; importante é que sejam prosseguidos os objetivos do desenvolvimento local, no contexto da Benedita e do território mais alargado em que se insere. Há duas fortes razões que tornam imperioso o lançamento de novas iniciativas: a perda da dinâmica dos anos sessenta; e a gravidade da crise atual. Esta crise é bem diferente das dificuldades de há cinquenta anos: enquanto outrora havia horizontes desconhecidos que ofereciam perspetivas de crescimento, não só económico, hoje verifica-se o fechamento de

horizontes, sem se vislumbrarem perspectivas de superação. Estamos perante um desafio profundo e amplo, para a Benedita e para espaços muito mais alargados; torna-se necessário clarificar, enraizar e difundir o conceito atualizado e a prática do desenvolvimento integral, a partir da situação em que se encontram as pessoas, as famílias, toda a sociedade civil e o Estado.

Na Benedita, algumas entidades já refletem e trabalham, há algum tempo, neste «comprimento de onda», defrontando obstáculos muito difíceis. Talvez, a partir de agora, se justificassem as seguintes atividades: reflexão conjunta dessas entidades, visando o consenso possível sobre um novo Projeto de desenvolvimento para a Benedita; realização de sessões com representantes do maior número possível de associações, instituições e atividades sociais, económicas, culturais, ambientais e de qualquer outra natureza, visando também o consenso possível sobre o desenvolvimento futuro; e promoção de novas iniciativas resultantes desse consenso. Entre estas iniciativas, parece recomendável incluir: a criação de uma comissão promotora do desenvolvimento local, simultaneamente representativa e com potencialidades executivas; o contacto regular, formal ou informal, com as realidades locais; a criação de comissões por zonas territoriais e por setores, à medida que se justifiquem; o apoio ao desenvolvimento de iniciativas já existentes e à criação de outras, particularmente iniciativas geradoras de trabalho remunerado, contribuindo para a solução dos problemas de desemprego; encontros periódicos, mais ou menos alargados, de reflexão e procura de soluções; influência junto dos órgãos autárquicos e de soberania para a solução dos problemas que impliquem a sua participação; avaliações periódicas, tão completas e participadas quanto possível, para que o processo de desenvolvimento se adapte cada vez melhor aos problemas a resolver e à vontade das populações locais.

Parece conveniente salvaguardar alguns princípios e cautelas. Entre os princípios, registo; a participação; a transparência; a parceria; a objetividade; o respeito das diferentes identidades; a cooperação e a integração (cooperação com projetos semelhantes, e eventual integração em projetos mais amplos)... De entre as cautelas, seleciono apenas: evitar discriminações de entidades envolvidas; não partidarizar o Projeto, sem prejuízo do respeito devido às correntes partidárias e outras de natureza política; evitar a dicotomia e a hierarquia entre a investigação e a ação, bem como entre a reflexão que emana da vivência e a que brota da investigação; evitar abusos e a subestimação de poderes...

Anexo V

Grelha de Categorização das entrevista

Categorização das entrevistas:

(Entrevista A – pessoas que estiveram envolvidas no projeto)

Categoria	Subcategoria	Unidade de Referência	Entrevistado
<p>Projeto de Desenvolvimento Comunitário</p>	<p>Pessoas/ entidades envolvidas e papel desempenhado</p>	<p>“O projeto de DC na Benedita foi iniciado por uma equipe pluridisciplinar constituída por minha iniciativa e da qual eu era coordenadora, a Equipe de Estudos e Experimentação de Desenvolvimento Comunitário (EEEDC).” (E1)</p> <p>“Esses (EEEDC) foram como que o despertar nas pessoas. Foi aí que nasceu tudo, não é? E que depois também fizeram com que viessem outras pessoas que ajudaram no seguimento do projeto.(...)” (E2)</p> <p>“(...)O que eles fizeram principalmente foi unir o pessoal, mas mesmo depois de tudo eles nunca abandonaram a Benedita (...) a obra que ficamos a dever a toda essa equipa foi mesmo o Externato(...)” (E3)</p>	
	<p>Recordações do projeto</p>	<p>“Desde o começo que a EEEDC quis ouvir a população, auscultando as suas necessidades e aspirações.(...)” (E1)</p> <p>“(...)a união de esforços e então em vez de ser cada</p>	

	<p>um a trabalhar por si, uniram-se nos trabalhos e assim houve mais emprego para as pessoas(...)" (E2)</p> <p>"(...)Tentámos reunir pequenas oficinas de calçado para tentar criar uma fábrica, assim que se criou a primeira fábrica o povo aceitou logo e viu os benefícios(...)" (E3)</p>	
<p>Ambiente vivido na Benedita em 1962</p>	<p>"(...)o prestígio do Padre Serrazina, que sendo beneditense vivia em Lisboa, e o seu bom relacionamento com a coordenadora da EEEDC contribuiu muito positivamente para o estabelecimento dos primeiros contactos com a população (...)" (E1)</p> <p>"(...)certamente já outros lhe disseram que haviam muitos trabalhos individuais que depois se uniram e eu fui tomando conhecimento e apoiando sempre que possível." (E2)</p> <p>"(...)Se hoje nos queixamos que a vida está em crise, nesse tempo era muito pior, não havia dinheiro, as pessoas iam-se movimentando, grande parte delas viviam da agricultura, em conjunto com a cutelaria e o calçado(...)" (E3)</p>	
<p>A nível económico/ industrial</p>	<p>"(...)apoiou-se a modernização e reorganização de uma empresa de cutelaria (...)promoveu-se o cooperativismo dirigido às atividades agrícolas locais</p>	

<p>Impacto do projeto PDCB</p>		<p>(...)” (E1)</p> <p>“(...)Certamente cada um viu rentabilizados os seus trabalhos porque já começaram as fábricas a exportar, a vidas das pessoas a melhorar(...)” (E2)</p> <p>“(...)Isso é de louvar até! Tínhamos que arranjar a todo o custo o dinheiro para o Externato.(...) era uma união entre a comunidade (...)” (E3)</p>	
	<p>A nível educativo</p>	<p>“(...)promoveu-se a criação de um colégio cooperativo(...)” (E1)</p> <p>“(...)foram realizadas reuniões com os artesãos do calçado e com os próprios foi-se definindo um projeto de concentração da produção, equipamento e qualificação dos processos tecnológicos, formação do pessoal(...)”(E1)</p> <p>“(...)Houve atividades tais como conferências, os cursos de aprendizagens domésticas, nesses mesmos cursos a valorização alimentar, etc. (...)” (E2)</p> <p>“Foi nessa mesma altura que um grupo se uniu e junto do ministério conseguiram para cá um ensino, o Externato da Benedita(...)” (E2)</p> <p>“(...)tivemos que fazer o seguinte, inscrever sócios que</p>	

	<p>pagassem uma cota para podermos arcar com as despesas do Externato (...)este dinheiro que arranjávamos era para pagar aos professores, enquanto não era o estado que o fazia.(...)" (E3)</p>	
<p>A nível social e cultural</p>	<p>(...) organizaram-se com as próprias mulheres cursos de formação familiar e cívica (...) (E1)</p> <p>"(...)contribuiu para fazer despontar novas lideranças locais e para aumentar a autoestima coletiva(...)" (E1)</p> <p>"(...)quando foram convocadas as pessoas para a possibilidade de aderir a esses cursos, essa seria uma forma de se valorizarem na ordem da sua vida, individualmente e comunitariamente." (E2)</p> <p>"Acho que foi a união das pessoas! Para partirmos para um trabalho de valorização pessoal e profissional. (...)" (E2)</p> <p>"(...)as pessoas aqui já estavam preparadas para se unir e assim foi mais fácil, mesmo com muita dificuldade foi mais fácil, pois segundo se diz "A união faz a força"! Esta nossa mentalidade foi das coisas mais importantes para o projeto ter pernas para andar.(...)" (E3)</p>	

	Outros impactos	<p>“(…)a Equipe de Estudos e Experimentação de Desenvolvimento Comunitário (EEEDC) encontrou grande receptividade entre as forças vivas locais, em especial por parte do respetivo Pároco(…)” (E1)</p> <p>“(…)Acho que partiu daí também uma evolução ao nível da agricultura. Aqueles que não se ligavam tanto ao aspeto fabril terem também a possibilidade de criando animais conseguir melhorar a sua vida.” (E2)</p> <p>“(…)juntavam-se três ou quatro sócios e assim se progrediu. Tomara a Benedita hoje poder progredir tanto num espaço de dez anos como aconteceu na altura.” (E3)</p>	
Comemoração do projeto	Razões da comemoração	<p>“(…)contribuir para cultivar a memória histórica junto das novas gerações(…) há lugar para recorrer à metodologia do desenvolvimento comunitário para promover o desenvolvimento local(…)” (E1)</p> <p>“(…)para que os mais novos saibam que tudo isto que encontram agora é aquilo que nesse tempo não havia e teve que ser suado e construído.” (E2)</p> <p>“(…)isto tudo são obras e feitos que nunca mais e esquecem! Aquele grupo foi uma grande ajuda e os próprios beneditenses foram corajosos.” (E3)</p>	
	Iniciativas futuras	“(…)as gerações mais novas que devem olhar para os	

	<p>recursos locais e descobrir formas de os valorizar.” (E1)</p> <p>“(…)Era importante que os mais novos não deixassem de ser unidos e não deixassem de contribuir para tudo o que seja para o progresso da terra.” (E2)</p> <p>“(…)Se mais pessoas se unissem como em 1962 seria bom, as pessoas hoje vivem muito separadas, apesar da falta de dinheiro.(…)” (E3)</p>	
--	---	--

Categorização das entrevistas:

(Entrevista B – pessoas que estão a preparar a comemoração do projeto)

Categoria	Subcategoria	Unidade de Referência	Entrevistado
Projeto de Desenvolvimento Comunitário na Benedita (PDCB)	Organização da comunidade	<p>“(…)uniu as pessoas, levou à criação de empresas, trouxe conhecimento, trouxe organização, mostrou às pessoas que podiam organizar-se de outra forma, que individualmente não conseguiam chegar a lado nenhum (...)” (E1)</p> <p>“(…)todo aquele processo de envolvimento das pessoas no seu próprio processo, as pessoas foram os protagonistas do desenvolvimento comunitário da Benedita, continua hoje, tudo o que acontece na Benedita em termos sociais, industriais, económicos e até culturais tem um pouco a matriz desse processo que aconteceu nos anos 60.” (E2)</p> <p>“(…)Não se pode afirmar que o Projeto desencadeou o espírito de iniciativa, que já existia há muito na freguesia de Benedita; em contrapartida contribuiu para a consciência pessoal e coletiva desta capacidade, bem como para a sua intensificação num patamar diferente.(...)” (E3)</p>	

	<p>Atividades Desenvolvidas</p>	<p>“(…)a criação de uma cooperativa de criadores de gado que ainda hoje também funciona, foi uma forma de desenvolver a terra (…)” (E1)</p> <p>“A equipa do processo de desenvolvimento comunitário da Benedita conseguiu cativar as pessoas para que refletissem sobre os seus próprios problemas e que pensassem nas soluções para esses problemas e depois aplicaram-nas na criação de condições para a resolução desses mesmos problemas(…)” (E2)</p> <p>“(…)A criação da Cooperativa de Ensino e Cultura foi a grande realização mais visível.(…)” (E3)</p>	
	<p>Pessoas/entidades envolvidas</p>	<p>“(…)não vieram trazer dinheiro às pessoas, vieram ajudar as pessoas a organizar-se e mentalizar as pessoas de que elas eram capaz, e depois também garantir-lhes que a nível dos organismos oficiais tinham alguns apoios (…)” (E1)</p> <p>“(…)esta equipa chamava-se Equipa de Experimentação e Investigação sobre Desenvolvimento Comunitário, havia uma ligação muito forte entre a experimentação e a investigação e foi, portanto a metodologia do trabalho que permitiu chegar aos resultados a que se chegou.”</p>	

		<p>(E2)</p> <p>“(...)a Benedita soube manter as suas características ancestrais positivas e, ao mesmo tempo, abriu-se à modernidade económica e social, atingindo um pioneirismo invulgar no território em que se insere.(...)” (E3)</p> <p>“(...)Impõe-se aqui uma alusão ao Padre (depois, Cónego) José Mendes Serrazina (...) funcionou como elo de ligação, quando necessário, entre a população e a equipa, até porque esteve na origem da fixação desta na Benedita.” (E3)</p>	
Impacto do PDCB	<p>A nível do grupo “Equipe de Estudos e Experimentação de Desenvolvimento Comunitário” (EEEDC)</p>	<p>“(...)Eles ouviram as pessoas, eles tentaram perceber o que é que as pessoas queriam, não lhes vieram impor ideias, escutaram-nas, perceberam o que é que elas queriam e mostraram-lhes o caminho para desenvolver as ideias que tinham e aquilo que queriam fazer.” (E1)</p> <p>“A equipa que veio trabalhar para a Benedita teve essencialmente o papel de animação do processo(...)” (E2)</p> <p>“(...)Em muitos documentos diz que a equipa devia estar nas reuniões para escutar, para avaliar e para depois provocar o desencadear das situações, não propriamente</p>	

		<p>para substituir as pessoas (...)” (E2)</p> <p>“(...)Essas pessoas desencadearam e «animaram» o processo de desenvolvimento comunitário e suscitaram relacionamentos naturais - de igual para igual - com membros da população local.(...)” (E3)</p>	
	A nível educativo	<p>“(...)foi criada uma cooperativa de ensino que é talvez aquele marco mais importante desse desenvolvimento, ou pelo menos foi aquele que perdurou no tempo e que ainda hoje tem dado e serve a população da zona.” (E1)</p> <p>“(...)quando o ensino em Portugal nos anos 60 sabemos como estava, a taxa de analfabetismo que tínhamos era grande e como é que esta comunidade conseguiu sonhar com uma escola secundária industrial, que acabou por se tornar no Externato Cooperativo da Benedita.” (E2)</p> <p>“(...)Uma expressão particularmente relevante da abertura de horizontes foi a criação da Cooperativa de Ensino e Cultura, na qual se insere o Externato Cooperativo da Benedita. A Cooperativa tornou acessível o ensino secundário que, até aí, só era alcançado por uma percentagem ínfima da população;(...)” (E3)</p>	
	A nível industrial/económico	<p>“(...)o facto das pessoas se terem conseguido organizar e construir fábricas trouxe muita gente à Benedita e trouxe muito desenvolvimento, muito emprego (...)” (E1)</p>	

	<p>“(...)não digo que se vivia numa economia de pobreza, mas sim numa economia de subsistência, de muito pouca disponibilidade de recursos, mas que a equipa conseguiu provar às pessoas que era possível (...)” (E2)</p> <p>“(...)a organização das empresas; a maior penetração nos mercados, chegando mesmo ao âmbito internacional(...)” (E3)</p>	
<p>A nível social e cultural</p>	<p>“(...) de as pessoas perceberem que têm que tomar em mãos o seu próprio desenvolvimento, que a industria está parada, portanto o desenvolvimento que se conheceu nas décadas a seguir, neste momento não se vê porque se calhar as pessoas não se interessam (...)” (E1)</p> <p>“(...)Penso que as condições são significativas em termos de cultura, em termos sociais e em termos económicos e há até uma capacidade de empreendedorismo que já estava na matriz da Benedita mas que em certa medida o processo de desenvolvimento comunitário pôde potenciar e desenvolver (...)” (E2)</p> <p>“(...)fez a ligação entre a escolaridade e a formação profissional; proporcionou o exercício de atividades desportivas e culturais diversas(...)” (E3)</p>	

	Outros impactos	<p>“(...)enquanto que hoje é uma vila com os problemas inerentes ao mundo atual e à situação atual mas que realmente teve um desenvolvimento que poucas terras ou nenhuma tiveram nessa altura (...)” (E1)</p> <p>“(...)contribuiu para que um elevado número de alunos completasse cursos no ensino superior, e viesse a ocupar lugares de alta responsabilidade em vários domínios de atividade económica, docente e científica...(...)” (E3)</p>	
Potencialidades	Comemoração	<p>“(...)Há uma coisa que costumo dizer muitas vezes que é o facto de se comemorar, não se fez nada de jeito, mas pelo menos falar-se nisto, sinto que temos a obrigação de passar isso, é um dever para com quem lutou tanto e fez tantos sacrifícios(...)” (E1)</p> <p>“(...)Porque se nós queremos modificar o futuro temos que modificar o presente.” (E2)</p> <p>“(...) o que prevalece à superfície, e de maneira generalizada, é a aceitação da mudança e até a participação nela. (...)” (E3)</p>	
	Iniciativas Futuras	“(...)nós temos que perceber, sobretudo os jovens,	

perceber que têm que tomar em mãos o desenvolvimento desta terra(...)" (E1)

"(...)apelava às pessoas da Benedita para que repensassem o presente à luz do futuro e no fim de contas um processo de animação é essencialmente pôr as pessoas a pensar no futuro, no que desejam ter e depois trazer bocados desse futuro para o presente, começarem a delinear caminhos e etapas (...)" (E2)

"(...)hoje verifica-se o fechamento de horizontes, sem se vislumbrarem perspectivas de superação. Estamos perante um desafio profundo e amplo, para a Benedita e para espaços muito mais alargados; torna-se necessário clarificar, enraizar e difundir o conceito atualizado e a prática do desenvolvimento integral, a partir da situação em que se encontram as pessoas, as famílias, toda a sociedade civil e o Estado." (E3)

"(...)Parece conveniente salvaguardar alguns princípios e cautelas. Entre os princípios, registo; a participação; a transparência; a parceria; a objetividade; o respeito das diferentes identidades; a cooperação e a integração(...)" (E3)